

CAMPANHA CONTRA  
O CÂNCER NO BRASIL



S722  
K93C

# CAMPANHA CONTRA O CÂNCER NO BRASIL

Datas, fatos e reveses



DR. MARIO KROEFF

Fundador e ex-diretor do Serviço Nacional de Câncer — Fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos — Diretor-Executivo da Fundação Napoleão Laureano — Fundador e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia — Fundador e ex-diretor da Revista Brasileira e Cancerologia — Ex-presidente do Conselho Administrativo do Hospital dos Servidores do Estado — Membro Titular da Academia Nacional de Medicina — Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões — Livre Docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade Nacional de Medicina.



R  
616.994  
K93c

**BIBLIOTECA DO  
I. N. C.**

N. 84      Data 25/8/70

Reg. 1498

**...A - BIBLIOTECA**  
**MEMÓRIA TÉCNICA**  
Nº REGISTRO 113/10  
EM 10 / 06 / 2010

## SUMÁRIO:

Serviço Nacional de Câncer

Asilo de Assistência aos Cancerosos

Hospital Laureano

Organizações estaduais, filiadas à Campanha Nacional  
contra o Câncer

Hospital dos Servidores do Estado

# SERVIÇO NACIONAL DE CÂNCER

## REVESES DA LUTA

A propósito da recente ofensiva contra o câncer, declarada pelo Presidente Jânio Quadros, em maio de 1961, achei oportuno recordar alguns fatos e reveses da campanha, anteriormente executada no País, dos quais fui testemunha e às vezes parte atuante.

Teve razão o Presidente. Na verdade, o País já se encontra aparelhado para sair da simples defesa e ingressar na ofensiva contra seu maior inimigo, que aparece no obituário, carregado de vítimas. O Brasil, graças à insistência de seus cancerologistas, dispõe de meios suficientes para o tratamento e prevenção dessa traiçoeira doença. Conta hoje com uma rede de hospitais especializados, não só no Rio de Janeiro, como na Capital de cada Estado da Federação. São órgãos equipados com aparelhagem e técnicos aperfeiçoados, cada vez mais, no manejo das armas de combate a êsse mal, tão pertinaz quando não descoberto a tempo e atacado por mão hábil e certa. Por tôda parte, o público já sabe disso, pela propaganda e educação sanitária que, desde alguns anos, vem sendo realizada no território nacional. O homem do povo já colabora no interesse próprio. Contribui

também pelo conselho e pelo recurso pecuniário quando se cuida de proteger os outros contra a doença ou de aliviar os atingidos pelo mal, de modo irremediável. De mim, sou grato à contribuição pública pelo que ela tem dado ao Asilo da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, hospital a que deram o meu nome.

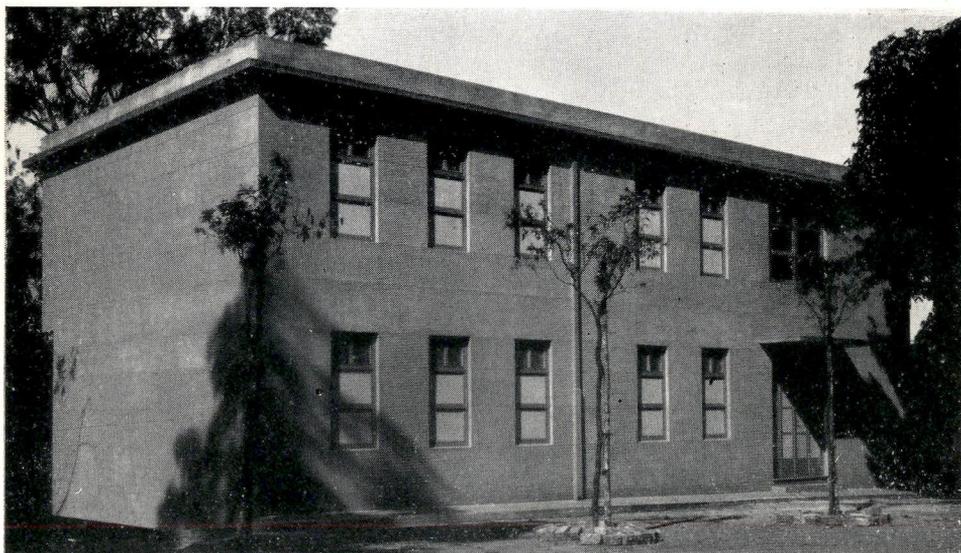
Na ofensiva, por enquanto, ao comando cabe unicamente a tática de aumentar, com mais dinheiro e mais clínicas, os meios de ação já comprovados pela prática, melhorar as técnicas de tratamento e redobrar, por tôda parte, o empenho em descobrir-se a doença precocemente, ainda em seu nascedouro, contando aí com a colaboração do médico clínico e do próprio povo.

Ao lado dessas providências atuantes, que visam tratar o recuperável, há o problema dos incuráveis, que formam, em nosso meio, multidão abandonada, carecente de acomodação no meio social.

O quartel-general do Estado Maior da Ofensiva está instalado à Praça da Cruz Vermelha, em magnífico hospital, que, diariamente, atende a centenas de doentes. Quem hoje o defronta, não imagina,



*Primeiro pavilhão construído em 1931, anexo ao Hospital Estácio de Sá, e destinado à sede do Centro de Cancerologia, do qual se apoderou a Faculdade de Medicina para nele instalar a Clínica Propedêutica Cirúrgica.*



*Centro de Cancerologia, inaugurado pelo Presidente Vargas em 1938. Pavilhão construído ao lado do primeiro, tomado pela Faculdade de Medicina.*

nem de longe, quantos foram os tropeços, no caminho percorrido, desde o tempo em que se acertaram os primeiros passos, na luta contra o câncer, 34 anos atrás.

Nessa época, comecei a interessar-me pelo problema. Quase nada havia de positivo, em nosso País, na prevenção e tratamento do câncer. Dominava a descrença em qualquer esforço dirigido contra o mal, tido como incurável, em qualquer dos seus estádios. Entre ousado e progressista, destacava-se o cirurgião que tentasse a operabilidade do câncer interno, abdominal. Do torácico, nem falar. O radium, além de raro e escasso entre nós, era imperfeito na técnica. Daí, fracassar facilmente qualquer iniciativa de pioneiro, em face às resistências passivas do meio.

A primeira tentativa para construir-se, na Capital, um centro de tratamento e estudo do câncer, faliu nas mãos de gente credenciada, não só na medicina, como na política e filantropia. A iniciativa coube à Fundação Oswaldo Cruz, com seus estatutos aprovados em 2 de maio de 1927. Na presidência, Salles Guerra, e no Conselho, os senadores Alfredo Elis e Bueno de Paiva, juntamente com Carlos Chagas, Eduardo Rabelo, João Marinho, PortoD'ave e outros.

Essa Instituição chegou a construir um esboço de hospital, começado pelo pavilhão de pesquisa, à custa da fidalga generosidade de Guilherme Guinle. Paralisadas as

obras, por muitos anos, ficaram as paredes e as colunas expostas ao abandono e à corrosão do tempo, atestando aos olhos entristecidos dos transeuntes da rua Ana Neri, ali em Triagem, o que costuma acontecer entre nós, com iniciativas desse gênero.

No entanto, deveria ser fácil abrir veredas no terreno das obras sociais, neste País, colocado entre os sub-desenvolvidos, pelo conceito das Nações. Infelizmente, os obstáculos são de toda espécie e aparecem a cada passo. Tenho provas disso. Em 1926, ao voltar da Europa, tentei reviver os remanescentes da Fundação Oswaldo Cruz. Conseguira até receber, por escrito, a promessa de doação de parte do patrimônio, concedido pelo Prof. Raul Leitão da Cunha, então presidente do Conselho daquela entidade. Em vão. O Exército requisitou uma área que ela possuía no Cais do Porto, à Praça Santo Cristo, por exigência dos interesses da Defesa Nacional. A Prefeitura apoderou-se, também, daquele outro terreno da Triagem, com sua inacabada construção, planejando dar-lhe aproveitamento em outra finalidade. De fato, ali surgiu, muito mais tarde, o Hospital Barata Ribeiro, por iniciativa de Lutero Vargas. Resignei-me em aguardar nova oportunidade, na idéia de fundar um núcleo de combate ao câncer em todo o País.

Acabei vencendo, depois de alguns reveses.

## CENTRO DE CANCEROLOGIA, PRIMEIRO NÚCLEO DE COMBATE

Baldados os esforços, no sentido de restaurar os destroços de um hospital da Fundação Oswaldo Cruz paralisado e que me havia sido prometido pelos dirigentes daquela Instituição, competia-me perseverar por outro caminho, até se alcançar o objetivo idealizado: construir um centro de cancerologia.

Confiava nas vantagens de uma nova arma de combate ao câncer, apenas descoberta. Assistira em Paris, no Hospital São Luiz, em 1926, aplicado por mãos de dermatologistas, um método novo, destinado a curar certas lesões superficiais da pele. Era a diatermo-coagulação. Ocorreu-me, logo, o alcance do processo, se fôsse usado num sentido mais amplo, numa cirurgia maior, radical, contra o câncer externo, especialmente em lesões avançadas. Nessa idéia, trouxera comigo, da França, um aparelho apropriado, o primeiro introduzido no Brasil (Hertz-Boyer).

Como assistente do Serviço do Prof. Brandão Filho, pratiquei, na Santa Casa, a primeira eletro-coagulação, executada no Brasil, em maio de 1927. Tal foi o resultado alcançado, que o mestre viu-se obrigado a proibir, no Serviço, operações desse gênero, devido à aglomeração de tanta gente interessada nesse tratamento.

Em 1929, defendi tese de Livre Docência, na Faculdade de Medi-

cina, sôbre o assunto, com casos que operei, por favor, em várias enfermarias da Santa Casa, carregando, cada vez, os aparelhos, em ombros de serventes.

O método logo se impôs e difundiu-se na cirurgia brasileira. Eis a minha primeira contribuição, em relação ao tratamento do câncer.

Mais tarde, dez anos decorridos, com os aperfeiçoamentos introduzidos por Franz Keysser, o novo método consagrou-se definitivamente na categoria de quarta arma da luta contra o câncer, ao lado do radium, dos raios X e do bisturi comum.

E' a eletro-cirurgia de hoje, o bisturi elétrico que corta sem sangue e esteriliza a linha de incisão.

Apoiado nessa conquista, resolvei, então, pleitear, junto aos Poderes Públicos, uma verba para instalar um centro de cancerologia. Devia ser um departamento anexo e dependente de alguma organização hospitalar. Pedindo pouco, talvez não me fôsse negado. O mínimo necessário para dar vida a uma unidade de trabalho. Recusa por tôda parte.

Por fim, já no Governo Getúlio Vargas, em 1931, foi-me concedida uma dotação, depois de muitos esforços pessoais. Por ordem do Ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha, a comissão encarregada da elaboração da proposta justificou-se: "Vamos incluir na cauda



*Cerimônia de inauguração do Centro de Cancerologia pelo Presidente Vargas, com a presença do Ministro Capanema e do Diretor do Departamento Nacional de Saúde, Dr. Barros Barreto, em 1938.*

do orçamento, uma verba de 150 contos, porque assim Mário Kroeff sossega”.

O objetivo dos funcionários não foi, pois, a criação de um serviço de utilidade social, mas apenas calar um importuno.

Vencidas as delongas burocráticas, construí, anexo ao Hospital Estácio de Sá, um pavilhão adequado. Depois de pronto, bonito, novo, despertou a cobiça de muitos.

Castro Araújo, Diretor da Assistência Hospitalar, com o prestígio de cirurgião do Chefe do Governo, arbitrariamente, usurpou os direitos da cancerologia, a quem pertencia a obra. A Faculdade de Medicina precisava de um grupo de enfermarias para localizar a Cadeira de Clínica Propedêutica Cirúrgica, recém-criada. E, ao novo titular, êle deu, de presente, meu Pavilhão, construído, a tanto custo.

Tive de recomeçar. Pedi outra verba. Esperei novo orçamento. Construí outro Pavilhão igual ou mais bonito, ali mesmo, defronte ao primeiro, seu irmão gêmeo.

Desta vez entrei na posse de obra minha. Foi inaugurado em 1938, com a presença de Getúlio Vargas e de seu Ministro, Gustavo Capanema.

Tomou o nome de Centro de Cancerologia. Fui nomeado, então, seu primeiro diretor.

A afluência de doentes, daqui e dos Estados, foi tamanha que me forneceu argumento para defender, junto aos poderes públicos, a con-

veniência de transformá-lo em Serviço Nacional de Câncer, com raio de ação a todo território brasileiro. Não foi fácil a aceitação da idéia. O Ministro da Educação e Saúde, argumentando comigo, na presença do Presidente do DASP, Luiz Simões Lopes, que defendia também a iniciativa, propôs-me uma conciliação dentro da mesma causa: “Criarei na Faculdade de Medicina a Cadeira de Cancerologia e o senhor será nomeado, interinamente, professor, fazendo ou não, mais tarde concurso”.

Respondi que de nada valeria o ensino da disciplina, sem a existência das armas de combate à doença. E, logo depois, saiu o Decreto Presidencial, criando o Serviço Nacional de Câncer, em setembro de 1941.

Estava vencida mais uma etapa na campanha contra o câncer.

Mas, parece que a doença trazia consigo a maldição de um destino difícil. Aconteceu um desastre. O Serviço, em plena efervescência profissional, já atingindo a maturidade, com uma plêiade de jovens cancerologistas em formação, sofreu golpe de morte. O Hospital Estácio de Sá passou para a Polícia Militar e o nosso Pavilhão foi despejado “manu militari”.

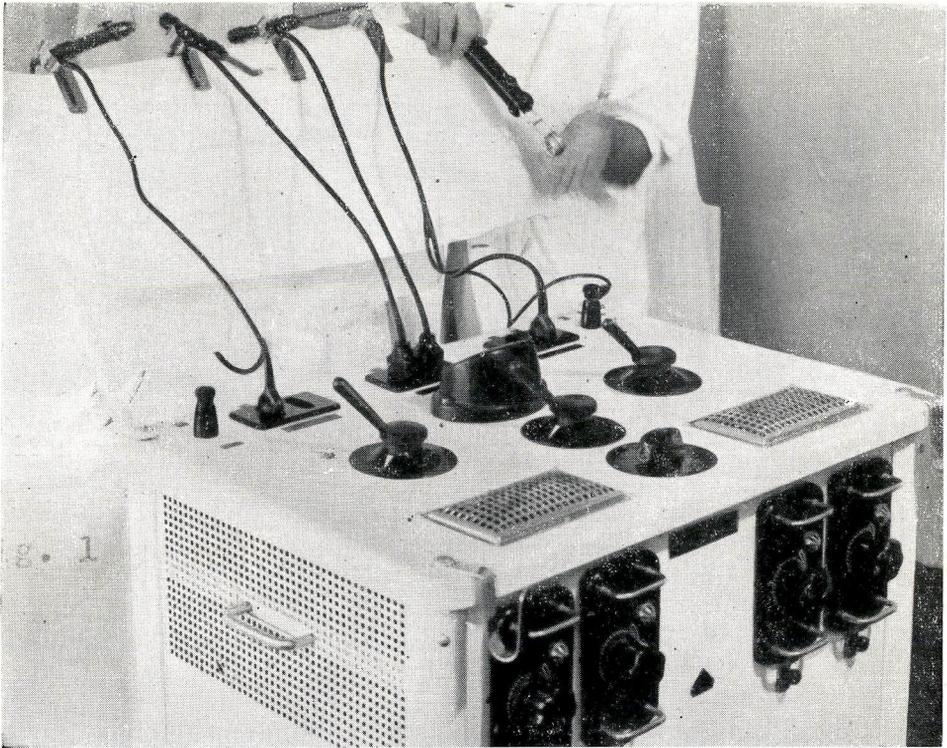
Estava eu, nessa época, nos Estados Unidos, em 1942, comprando o radium, arma terapêutica que nos faltava. Quando voltei, dolorosa decepção me esperava. O Serviço fôra transferido



*Diretor do S.N.C., ao lado de seus primeiros colaboradores: (da esq. para dir.), Drs. Penido Burnier, Luiz Carlos Oliveira, Alberto Coutinho, Sergio Azevedo, George da Silva, Osolando Machado; no segundo plano: Turibio Braz, Francisco Fialho e Jorge Marsillac. Além dos presentes, faziam parte do corpo médico, Drs. João Vianna e Evaristo Machado, e os internos, Moacyr Santos Silva, Claudio Barros Barreto e Antonio Pinto Vieira, em 1939.*



*Dona Darcy Vargas visita o Centro de Cancerologia, em 1939.*



*Aparelhagem de eletro-cirurgia, usada no S. N. de Câncer. Com potencial de 20 ampéres, fornece vários tipos de corrente, desde a do bisturi elétrico até aquela das profundas coagulações.*

para um velho casarão da Lapa, à rua Conde de Lage, antiga pensão de mulheres, onde tudo era precário e inadequado. Não havia outra solução. Meus companheiros concordaram em aceitar essa decisão pro-

visória, até a minha volta do estrangeiro.

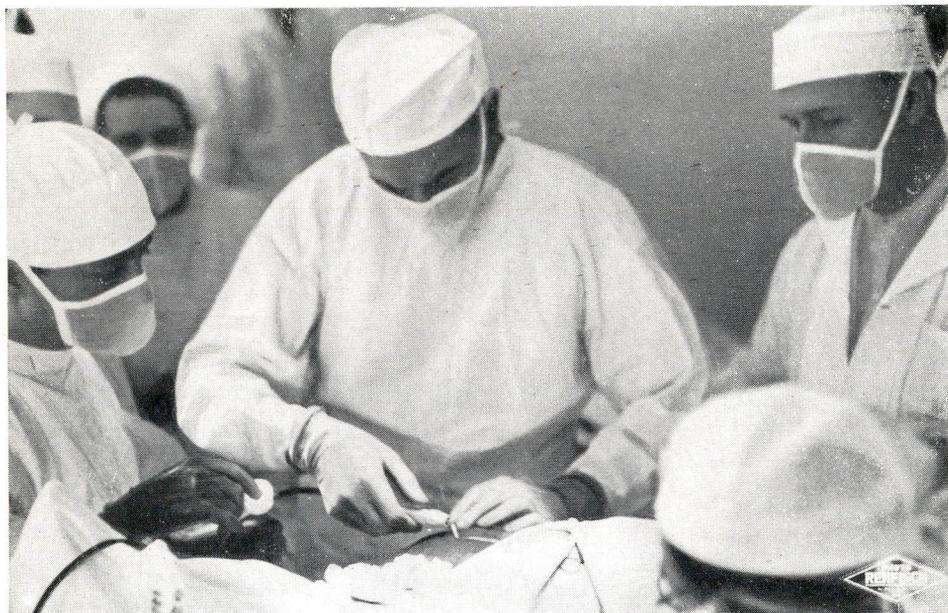
A via crucis, que daí se percorreu, foi de entristecer e desanimar qualquer que se dispusesse realizar algo neste País.

## DESPEJADO O SERVIÇO NACIONAL DO CÂNCER

Aflitos, os colegas me telegrafaram anunciando que as ordens eram taxativas. Alta aos doentes melhores, remoção para Santa Casa dos piores e transferência dos apa-

relhos para o porão da Biblioteca Nacional.

D.<sup>a</sup> Darcy Vargas, sempre madrinha das boas causas, protestara. Irei com os doentes para



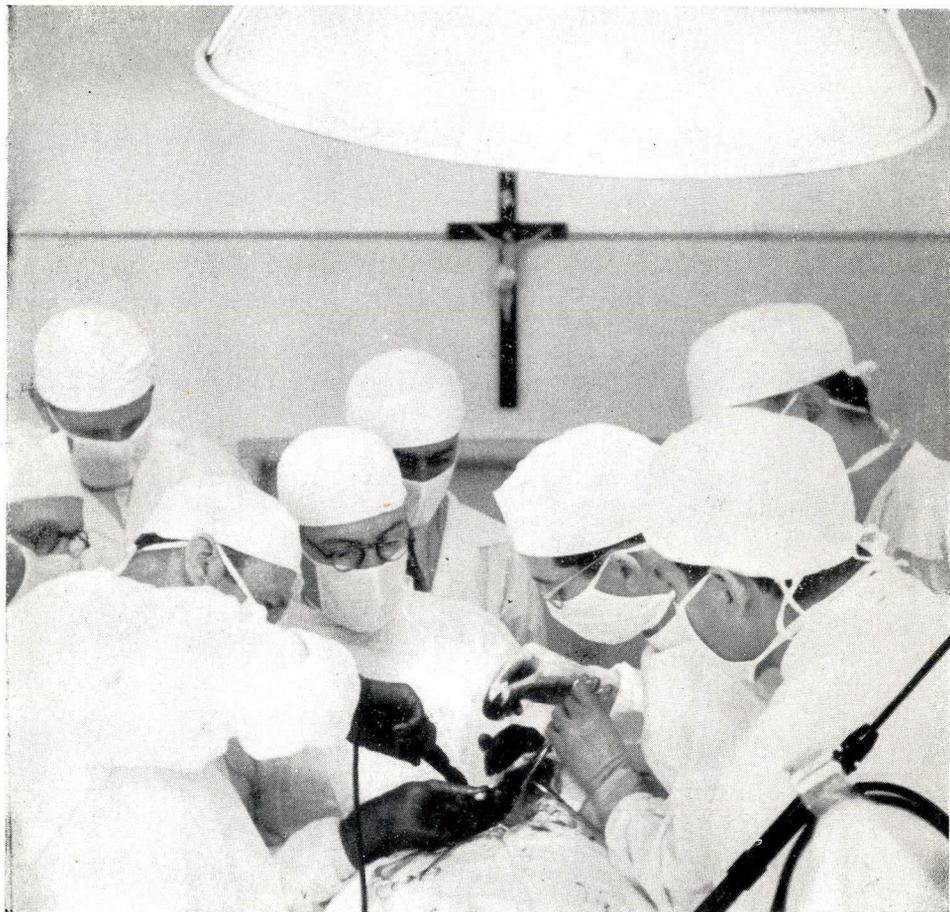
*Prof. Franz Keysser, inovador da eletro-cirurgia, demonstra no Centro de Cancerologia, em 1940, as vantagens do bisturi-elétrico, que corta sem sangue.*

a porta do Ministério. Infrutífera toda reação dos companheiros. Quando voltei da América, em 1943, portador de mais um recurso poderoso na cura do câncer — o radium — cruel a decepção. O Serviço fôra transferido para um casarão inadequado, na Lapa. Prédio ameaçando ruína, com paredes rachadas e o pátio já desmoronado sôbre os telhados vizinhos. Empilhada nossa aparelhagem; a cirurgia praticada em sala sem condições técnicas. Não raro, havia defeitos no elevador que acabou paralisado, definitivamente. Os doentes eram então obrigados a subir oitenta e tantos degraus de uma escadaria. Havia até serventes trei-

nados em carregar os piores, em cadeiras de vime.

O necrotério fôra adaptado num socavão da escada. De uma feita, houve ali até cenas de necrofilia. Um sargento estrangeiro, altas horas da noite, ao percorrer na Lapa a zona do meretrício, penetrou pelo Hospital a dentro, até parar naquele desprotegido compartimento mortuário, onde jazia o corpo de uma mulher, em velório. Em tempo, foi surpreendido pela enfermeira de plantão que deu o alarme.

Ao debandar, enxotado, por cima dos escombros dos prédios vizinhos, deixou cair o boné, com



*Ambiente cirúrgico no antigo Centro de Cancerologia, sendo usado o método da eletro-coagulação contra o câncer, por Mário Kroeff, em 1939.*

as insígnias de sua unidade naval, ocasionalmente ancorada em nosso pôrto.

Triste fim o nosso. Depois de tantos esforços malogrados, voltar à estaca zero. E que estaca! Admirável abnegação dos meus auxiliares! Uns faziam, em seus próprios laboratórios, análises para o Serviço; outros irradiavam os doentes em suas clínicas privadas. Que

têmpera a deles, porque ao chefe cumpria o dever de afundar com o barco, como fazem os comandantes, em caso de naufrágio.

O público ignora o que vai de dedicação, na maioria da classe médica, a trabalhar de graça, não só pelo esforço no aperfeiçoamento profissional, mas principalmente pela satisfação de servir à comunidade.

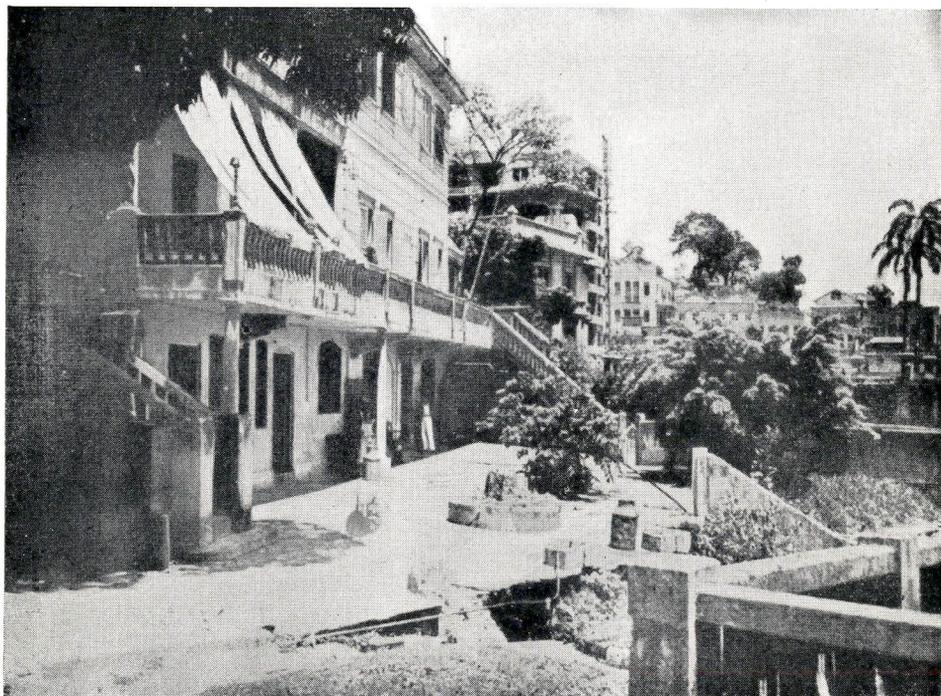


*Primeiro curso de Radioterapia realizado, no Brasil, pelo Centro de Cancrologia, em 1938, ministrado pelo Dr. W. Weisswange, assistente do Prof. H. Holfelder, vendo-se o potente aparelho, estabil-volt, tipo usado na Universidade de Francfort. Na foto, a partir da esquerda: Laurindo Quaresma, Carlos Fernandes, M. Kroeff, Costa Junior, Evaristo Machado, João B. Vianna, Claudio Barros Barreto, Manoel de Abreu, Prof. Weisswange e Sergio de Azevedo. Entre outros, de pé, Nicola Caminha.*

E nós resistimos, só para não dar solução de continuidade a um Serviço tão útil. Aí, aguardamos, durante dois anos, uma solução para dias melhores. E' que, sedutora promessa tinham-me feito no Palácio do Catete, em 1944. Seria a aquisição do Hospital Gaffrée.

Na presença do Presidente Vargas, um representante da Fundação Gaffrée - Guinle, Arnaldo Guinle, e eu, acertamos a compra daquele nosocômio, por onze mil contos Preço irrisório. Verdadeira doação, tendo-se em vista haver custado duas vêzes mais, alguns anos atrás.

O Hospital, como não servia mais à internação de doentes venérecs, ante os modernos processos de cura, passaria ao Serviço Nacional de Câncer. Os dispensários Fundação, espalhados pela cidade, continuariam na mesma faina do tratamento ambulatorio, ainda em vigor. A família Guinle empregaria os fundos recebidos na construção de outra obra de interesse médico-social. Os médicos da Fundação protestaram, e desde o encontro presidencial permanecemos na Lapa, dois anos, amarrados a um despacho do Mi-



*Casarão à rua Conde de Lage, na Lapa, que foi sede do S.N.C. por mais de dois anos, de 1943 a 1946. O pátio ameaçava desabar sobre os prédios vizinhos.*

nistro da Fazenda. Veio, afinal, negativo, em outubro de 1945. Aguardar oportunidade, em linguagem burocrática, significa: deixa ficar como está.

Confesso que perdi o devido respeito de servidor público. Resolvi interpelar o Ministro, na companhia do Diretor do DASP, Luiz Simões Lopes, que defendia a transação, como de real interesse para ambas as partes. Desprezando o tratamento de excelência, falei positivo ao Ministro, com a autoridade de médico para cliente:

“O Senhor ficará responsável pela morte de todos êsses miseráveis que estão sem tratamento, perdendo a oportunidade de cura. Pagará pessoalmente por isso tudo. Na certa, êles vão lhe rogar pragas. Ao sair daqui, darei uma entrevista aos jornais, com a seguinte manchete:

“Os cancerosos vão puxar o lençol do Ministro da Fazenda”.

E S. Exa. respondeu: “Kroeff, não faça isso. Prometo voltar atrás e levar os papéis para despacho do Presidente”. De fato, levou. Infelizmente, o Presidente Vargas, dias depois, a 29 de outubro, foi deposto e a transação ficou adiada, “sine-die”.

Com o Governo Linhares, o Serviço foi transferido para uma das dependências do Hospital Gaffrée, a título de arrendamento, em maio de 1946.

Melhoramos. Aí, com maior amplitude de ação e melhores instalações, o S.N.C. entrou, de novo,

em fase de produção técnica, através do trabalho diário de seu hospital. Desligados, em parte, das preocupações de ordem administrativa, antes de verdadeira sobrevivência da própria instituição, e agora integrados no contato imediato dos doentes, chefe e assistentes, interessados na observação da doença, procuramos cada vez mais aperfeiçoar nossos meios de diagnóstico e tratamento. Foram criados laboratórios: de Anatomia Patológica, entregue a Francisco Fialho, e de Análises Clínicas a Emmanuel Rebelo. Só aí é que deixamos de viver do favor do Prof. Amadeu Fialho, porque até então era êle que fazia atenciosamente todos os nossos exames histopatológicos, e dava conselhos em patologia. Também, o Prof. Ramos e Silva emprestou sua colaboração em Dermatologia. Um blóco cirúrgico, com três salas de operações refrigeradas, foi construído, inclusive um Banco de Sangue, confiado a Gil Mireira Filho.

Cabendo a Alberto Coutinho a responsabilidade de chefe de clínica ou, melhor, diretor do Instituto de Câncer, foi o departamento de cirurgia subdividido em diversos setores, entregues um a cada assistente, segundo os pendores, já comprovados, de modo a poder o Serviço contar com verdadeiros especialistas, dentro da Cancerologia.

Essa distribuição ficou assim constituída: Cabeça e Pescoço — Jorge Marsillac; Tórax — Penido Burnier; Estômago, pâncreas e vias biliares — Alberto Coutinho; Colon



*Aspecto de uma mesa-redonda, rotina introduzida no S.N.C. no final do trabalho diário do ambulatório, com presença de cada doente matriculado. Desta vez, esteve presente o grande radiólogo de Manchester, R. Paterson, em Outubro 1952.*



*Ambiente de uma festa de Natal, no S.N.C.*

e reto — Luiz Carlos de Oliveira Junior; Genito-urinário — João Bancroft Vianna; Ginecologia — Turibio Braz; Neuro-cirurgia — Feliciano Pinto; Linfomas — Luciano Viveiros; Cirurgia reparadora — Georges da Silva. Na seção de anestesia: Arlindo Avila Duarte, Leonardo Vaz e José Pinto de Araujo. No ambulatório: Amaury Barboza e Clovis Fraga de Andrade. Na odontologia: Abner Ayres de Castro e Valter Corrêa de Souza. O assistente Amador Campos achava-se nos E. Unidos, estagiando no Memorial Hospital.

Deu-se especial destaque ao uso da eletro-cirurgia, considerada a quarta arma na luta contra o câncer, dentro das suas indicações próprias e, às vezes, insubstituíveis.

A Seção de Radioterapia foi desenvolvida por Osolando Machado e Pinto Vieira, usando-se aparelhagens de vários potenciais. Assistentes: Ebroino Fafe de Araújo, Jorge Souza Lobo e Newton Gabriel de Souza. Instalou-se uma oficina de radium para enquadrar nosso Serviço na eficiência da moderna curieterapia. Moldes especiais, adaptados a cada localização do câncer, passaram a ser confeccionados para proporcionar distribuição homogênea dos elementos e alcançar dosagem uniforme e perfeita, segundo a Escola de Manchester, onde estagiou Osolando Machado.

Também Pinto Vieira fez nos E. Unidos, curso de radioterapia e Jorge Marsillac de cirurgia.

O Radio-diagnóstico, nas mãos de Evaristo Machado e João Cabral; a pesquisa, com Sergio de Azevedo; arquivo e documentação, com Naim Merched.

Além dessas iniciativas, outras mais foram tomadas, de acôrdo com o evoluir da moderna cancelologia. Foi instalado um Ambulatório Preventivo do Câncer Ginecológico, sob orientação de Turibio Bras. Na citologia, Edesio Neves. Também um Serviço de Radioisótopos, com a nomeação de um físico em irradiações, Ester Nunes Pereira, diplomada pelo curso, dado em São Paulo, sob os auspícios da UNESCO e por outro, ministrado por J. Meredith, o grande físico de Manchester que aqui veio a convite do Serviço.

No regime de trabalho, merece menção especial a instituição da chamada "mesa-redonda", realizada cada dia, ao findar o movimento do ambulatório. Ante o nosso corpo médico, passavam, obrigatoriamente, para confirmação do diagnóstico e indicação terapêutica, os doentes novos, fichados em cada dia. Aí, sempre houve completa liberdade de opinião, sendo, às vezes, as decisões tomadas por maioria de votos. Desnecessário acentuar o que isso representava de garantia para os doentes, além das vantagens para os próprios médicos, que assim consolidavam sua experiência clínica, ficando, sempre, a par do movimento geral do hospital.

Só assim foi possível criar-se uma Escola de Cancerologia, hoje composta dessa equipe de trinta jovens técnicos que, sem favor, honram a especialidade no Brasil.

O Serviço Nacional de Câncer, já dispõe, para estudo e publicação de trabalhos científicos, de um vasto documentário, cuidadosamente acumulado. Constituiu-se fonte de aprendizagem, na formação de técnicos e especialistas que se dediquem à luta contra o câncer. Nele já vieram estagiar bolsistas dos Estados. Vários cursos de aper-

feiçoamento foram ministrados a médicos de todos os pontos do País.

Em 1953, 4.392 doentes novos foram atendidos em seu ambulatório, atingindo a 28.448 doentes, a cifra total dos matriculados até o fim de 1953. Deixei o Serviço em Janeiro de 1954.

Apezar de relativamente bem instalados numa dependência do Hospital Gaffrée-Guinle, mesmo assim não deixei de perseverar na idéia de construir um grande Instituto-Hospital, na altura da verdadeira ofensiva na luta contra o câncer, entre nós.

## INSTITUTO-HOSPITAL DO SERVIÇO NACIONAL DO CÂNCER

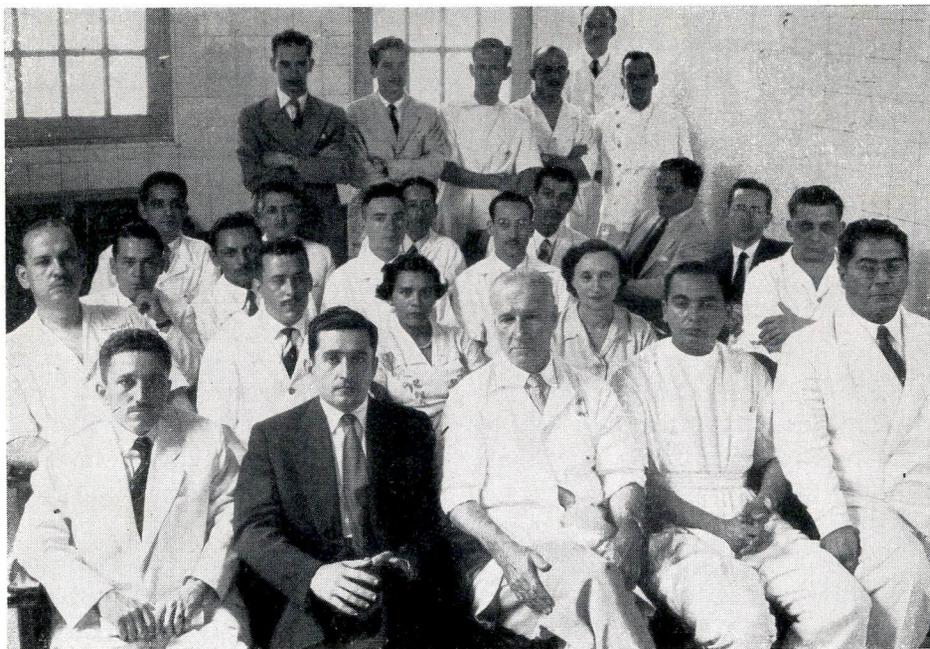
Apontarei agora os reveses vencidos para construção do novo hospital. Os planos então se voltaram para a aquisição de um esboço de hospital da Prefeitura, paralisado nos alicerces e abandonado, à Praça da Cruz Vermelha. Obtive-o, por doação do Prefeito Filadelfo de Azevedo, irmão de Sérgio de Azevedo, chefe da Seção de Pesquisas do Serviço Nacional de Câncer.

Quase um ano se passou, até que a posse se realizasse. Desta vez, num interdito proibitório das firmas construtoras, estavam as pedras do caminho.

Nova faina, agora com o estudo e orientação das plantas. Levei-a a efeito, consultando um a um, em reuniões coletivas, todos os colegas incumbidos das várias seções de que se com-

poria o nosso Instituto-Hospital, sempre auxiliado pela coordenação de Felix Lamela, técnico em organização hospitalar, mandado pelas Nações Unidas. Contra nós, a burocracia da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde, encarregada do refôrço das fundações já corroidas pelo tempo e impróprias para os 12 andares projetados. A construção, no regime de concorrência pública, sempre sujeita ao código de contabilidade, êsse entrave que amortece qualquer ritmo acelerado das obras públicas. Defendendo as verbas necessárias, acompanhei sua construção durante nove anos, desde 1945.

Em janeiro de 1954, entreguei a direção do Serviço ao Prof. Antônio Prudente. Deixei-o, já um monumento hospitalar, prático-



*Médicos que completaram o curso de especialização em cancerologia, em 1951.*

camente pronto, faltando os elevadores, erguido até o último piso, com 12 andares e capacidade para 400 leitos. Com êle, um crédito de 100 milhões de cruzeiros, que acabava de ser votado no Congresso. Projeto de Jandui Carneiro, nosso companheiro na Fundação Laureano, entidade a que eu pertencia, como diretor-executivo.

Foi Napoleão Laureano, o médico-mártir, com sua campanha orientada por mim, que emocionou o ambiente brasileiro, propiciando ao Legislativo clima favorável à concessão do vultoso crédito para a luta contra o câncer, no País. Acompanhei de perto o andamento

do projeto no Congresso junto aos relatores, em uma e outra Câmara. A propósito, informo que em memória de Laureano será inaugurado, em João Pessoa, em Setembro próximo, um moderno hospital que teve a colaboração do técnico Félix Lamela, nos planos e plantas.

Foi custeada a sua construção, em grande parte, com os fundos arrecadados do povo, condoído então da sorte daquele médico, vítima do câncer que se viu desenganado e resolveu trabalhar pelos conterrâneos para instalar no Nordeste um centro de defesa contra o câncer.

Deixei, também, com a nova sede do Instituto, à Praça da Cruz

Vermelha, uma pujante equipe de técnicos, treinados na cancerologia e habilitados a conduzir instituições congêneres, num padrão elevado, em todo o território nacional.

Complementando a ação técnica do Serviço Nacional de Câncer, foi difundida larga companhia de propaganda e educação popular, escrita e falada. Graças a ela, facilitou-se a formação de uma mentalidade anticâncer, através da atuação dos elementos do S.N.C. e também das organizações estaduais a êle filiadas.

Tiveram papel importante, no setor da propaganda, as nossas exposições educativas. A primeira foi apresentada ao público em novembro de 1948, na loja do Edifício Darke, à Av. Treze de Maio, com fotografias, desenhos, peças anatômicas e reproduções em cêra, cartazes, etc. com recursos obtidos do Jockey Club Brasileiro, já que o S.N.C. não disponha de verba apropriada.

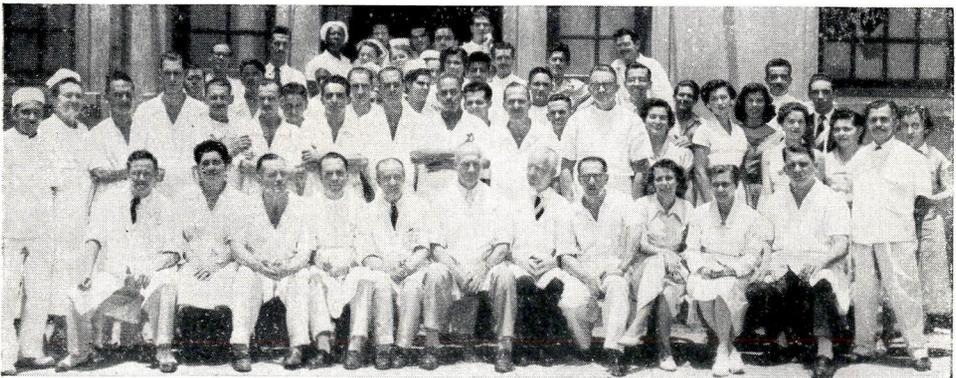
Ela serviu de roteiro e modelo para muitas outras que foram depois organizadas aqui e nos Estados.

O efeito causado no público era de impressionar, educando-o verdadeiramente. Basta ler as impressões dos visitantes registradas no livro de presença à exposição e transcritas neste folheto, algumas páginas adiante.

Também um filme de longa metragem sobre câncer foi elaborado, sob minha supervisão, de 1200 metros, com 32 mm, cujo resumo vai anexado, como pos-escrito a êste trabalho.

Entreguei também aos meus sucessores um órgão de publicidade médica, com edições regulares: a "Revista Brasileira de Cancerologia".

Fundada com a colaboração dos médicos do Serviço e principalmente de Alberto Coutinho, a Sociedade Brasileira de Cancerologia. Fui seu primeiro presidente. Nasceu rica, com doações angaria-



*Membro do corpo clínico, técnico, da enfermagem e administração do S. N. C., em 1953, ao lado do diretor.*

das por mim, sendo maior a de José Martinelli (com cem mil cruzeiros) e Ulpiano Gil, meus clientes e amigos.

Deixei, também, uma instituição de inestimável préstimo médico-social, fundada em 1939, em memorável assembléia popular, presidida pela Sra. Darcy Sarmanho Vargas. É a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, obra que mantém um asilo para alívio dos incuráveis. Começou internando quatro doentes, num velho casarão da Penha Circular, com o auxílio inicial de Antônio Gonzaga de Almeida Júnior. Depois, com as subvenções de Martinelli, desenvolveu-se.

Ao lado do Asilo, foi construído um hospital moderno, com capacidade para 100 leitos, graças à eficiente atuação de Alberto Coutinho, a quem foi entregue a sua direção, desde alguns anos.

No início, as despesas eram de 7 contos mensais, e, hoje, atingem a mais de 800 mil cruzeiros. A esse Hospital, os companheiros deram o meu nome, quando me aposentei, no serviço público.

Cumprе, enfim, registrar que a grande obra do Hospital do S.N.C. à Praça da Cruz Vermelha, iniciada no Governo Linhares e continuada nos períodos Dutra e Vargas, foi inaugurada, solenemente, no comêço da presidência Kubi-



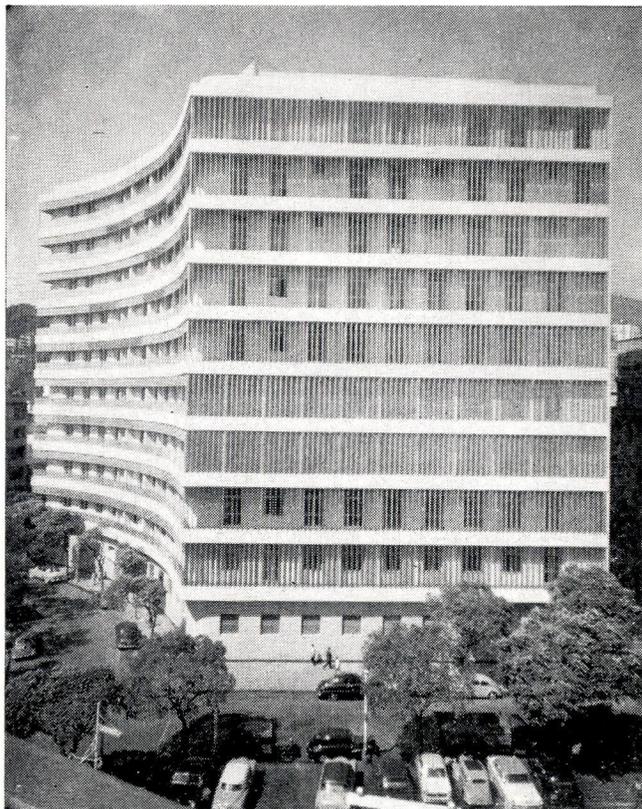
*Hospital-Instituto do Serviço Nacional de Câncer, à Praça Cruz Vermelha, iniciado no governo Linhares, construído nos períodos Dutra e Vargas e inaugurado no início da presidência Kubitschek, em agosto de 1957.*

tscheck. No pórtico nobre de entrada foi colocada uma placa comemorativa:

“No Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, sendo Maurício de Medeiros, Ministro da Saúde, Erlindo Salzano, diretor do Departamento Nacional

talar, instalando-se aqui o novo Instituto Nacional de Câncer. O Chefe da Nação procedeu à inauguração, no dia 23 de agosto de 1957”.

Nesse bronze, houve, apenas, a omissão dos nomes daqueles que



*Fachada lateral, Hospital-Instituto de câncer.*

de Saúde, Ugo Pinheiro Guimarães, diretor do Serviço Nacional do Câncer, Antônio Pinto Vieira, diretor do Instituto, foram levadas a cabo as obras deste bloco hospi-

trabalharam, longos anos a fio, para que se tornasse possível a realização dessa meta fundamental, na história do Serviço Nacional de Câncer.

## IMPRESSÕES DOS VISITANTES

As impressões registradas no livro de presença à exposição realizada a custa do Jockey Club Brasileiro, já que o S.N.C. não dispunha de verba apropriada a êsse fim, são unânimes em enaltecer o valor educativo do seu mostruário.

Eis algumas delas:

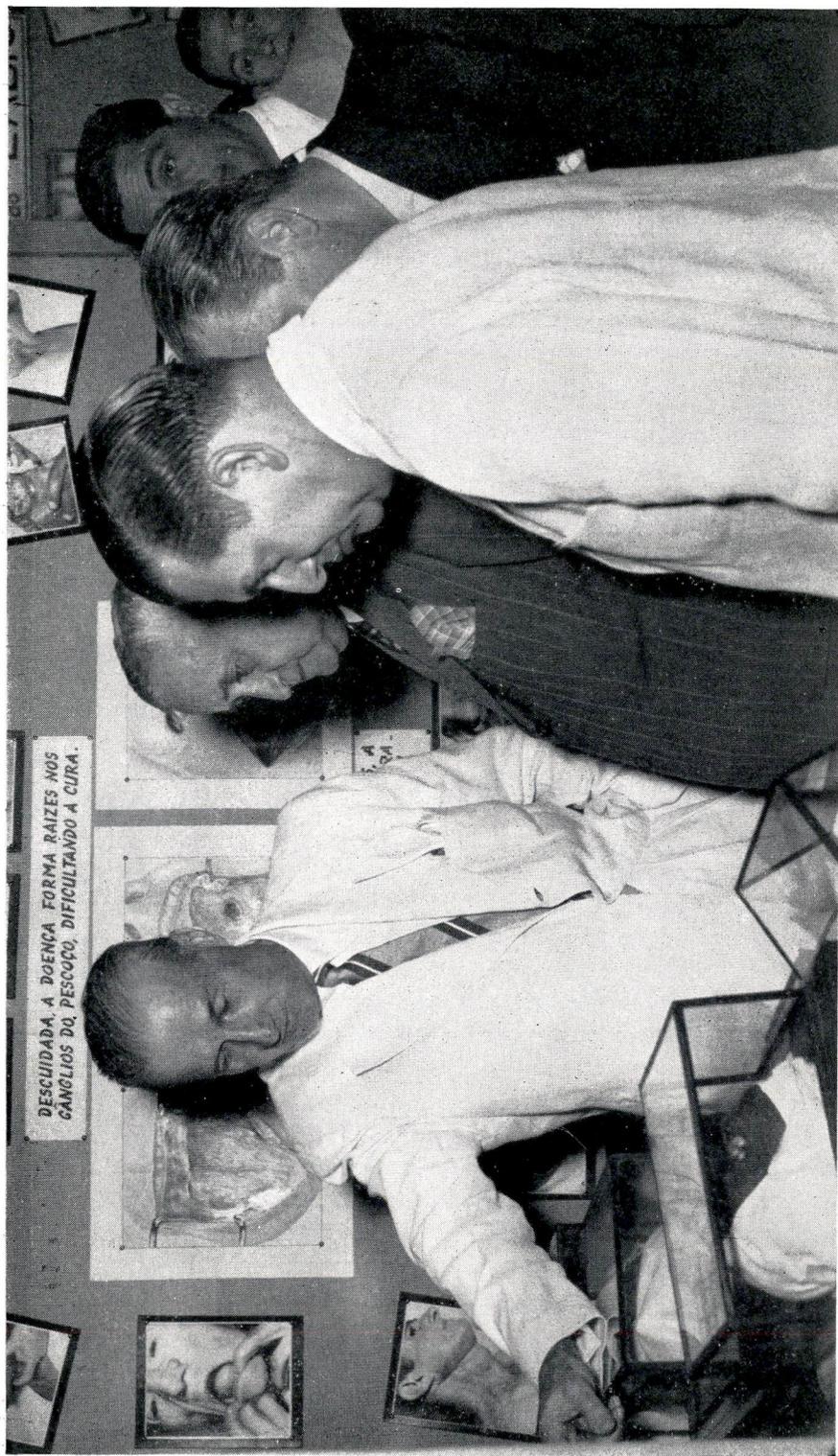
Na luta contra as moléstias que ainda assolam nosso país, representa uma contribuição inestimável o esclarecimento da opinião pública, não apenas pelas finalidades provenientes da colaboração dos próprios interessados diretos, mas ainda pela influência que, desta maneira, se exercita sobre os órgãos governamentais a que incumbe fornecer os recursos para o combate. A iniciativa do Serviço Nacional de Câncer, organizando uma exposição, na qual realçam os bons serviços que já vem prestando ao povo brasileiro, merece, assim, todos os aplausos e prestígio que lhe concede o Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 3-11-1948. *Clemente Mariani* — Ministro da Educação e Saúde.

Muito terão de lucrar nesta esplêndida exposição de luta contra o câncer os visitantes desta Capital, alertados, mas não amedrontados, contra os perigos desta terrível doença, pois esclarecidos ficarão sobre os modernos recursos de que dispõe a medicina de hoje, para combatê-los. Sairão confortados e

tranquilos pelo que viram nesta exposição de que já dispomos em nosso país de técnicos e de recursos capazes de curar o câncer, se se entregarem aos cuidados médicos, oportunamente. *Roberval Cordeiro de Faria*. — Sub. Int. do Diretor Geral do Departamento de Saúde.

Registro com especial agrado, minha magnífica impressão decorrente desta visita, desejando realçar, particularmente, a alta expressão educativa desta exposição, em benefício da saúde do nosso povo. Contando com o interêsse dos representantes das diferentes classes sociais, desde as mais modestas às mais altamente situadas e com o prestígio e amparo econômico dos governos, é justo esperar alcancemos em breve, grandes vitórias na luta sem tréguas contra o flagelo universal e multiseccular do câncer. Parabens muito sinceros aos eminentes colegas *Mário Kroeff* e seus demais companheiros de luta. *Heitor P. Fróes*. — Diretor Geral do Departamento Geral de Saúde.

Eis uma exposição que deve ser vista por todos. Ela convida à luta contra o câncer. E mostra, não só a grandeza dos esforços já empregados, mas o sentido humano e o idealismo que inspiraram os seus realizadores. Felicito-os. Desejaria que os brasileiros de toda a parte a visitassem e, sobretudo, a compreendessem. *João Inojosa*.



O Presidente Dutra visita a exposição educativa, primeira realizada no Rio de Janeiro, em Novembro de 1948, a custa do Joquei Clube Brasileiro já que o S.N.C. não dispunha de verba apropriada a esse fim. Observou os vários painéis, onde o câncer foi mostrado em todos seus aspectos e localizações.

Somente quem exerce a medicina em nosso meio é que pode avaliar o quanto de esforço e de sacrifício representa a presente exposição educativa de combate ao câncer. Iniciativa patriótica devida à tenacidade de trabalho de Mário Kroeff e seus colaboradores, até hoje desamparados dos poderes públicos, em problema de tão elevada significação médico-social. *A. Campos da Paz Filho*. — Secretário Geral da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Foi com a mais viva satisfação que em companhia dos meus, visitei a exposição do câncer, realização devida aos esforços de um núcleo de brasileiros que tem à sua frente a figura inconfundível do Dr. Mário Kroeff. Esta exposição é obra educativa e, como poucas, de defesa do patrimônio humano de nossa Pátria. Obra de verdadeiros brasileiros, de grandes patriotas, de criaturas que, realmente, fazem jús à gratidão de nossa gente. Oxalá, o Governo do Brasil cuide, enfim, de pôr à disposição do Dr. Mário Kroeff recursos materiais e, sobretudo, econômicos de que o Brasil necessita para combater eficientemente o câncer, mal que se agrava, agora, dia a dia. *José Sena Waldeck*. — Juiz de Direito.

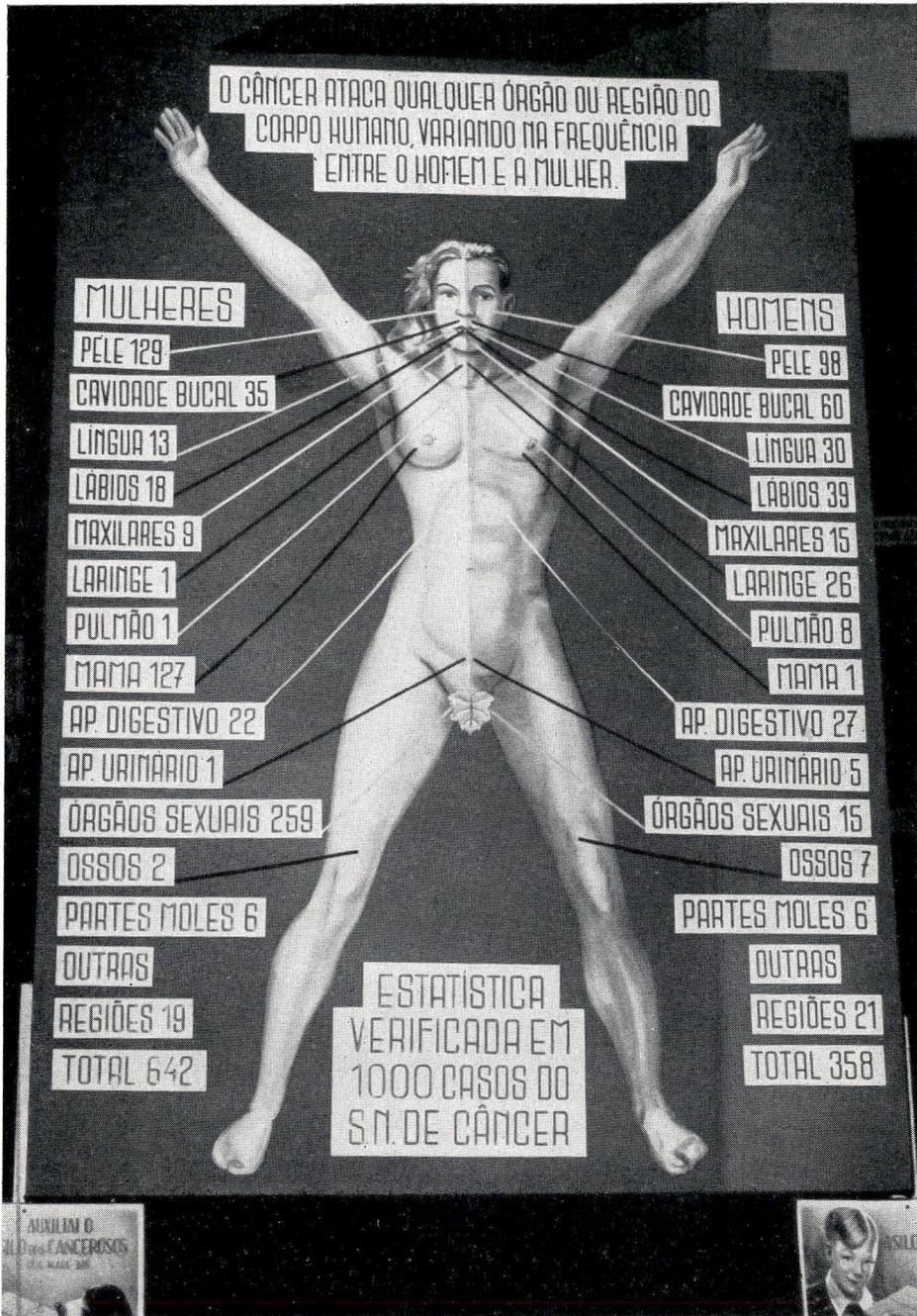
Esta deve ser, verdadeiramente, uma guerra bem dita, guerra pelo homem, guerra pela saúde, guerra contra o sofrimento. Que todos tomem parte nela. Nessa luta contra

o câncer é que se devem empenhar os governos, as nações, os povos. Obra de patriotismo, de humanitarismo, de solidariedade social, esta campanha merece todo aplauso, todo o nosso apóio. Parabens aos seus obreiros. *Prof. Alvaro Dória*.

Numa época em que há excesso de informações, umas boas e outras más, torna-se necessário insistir naquelas que são absolutamente fundamentais à espécie humana. Por esta razão, esta magnífica exposição de câncer merece o maior apoio de todos aqueles que lutam pelo bem estar humano, pois não há quem não o saiba, ser esta manifestação mórbida, uma das mais sérias no momento. *Victor Starvianski*. — Chefe da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional.

Não é a primeira vez, nem será, de certo, a última que visitarei esta exposição. Ela representa um curso prático com que Mário Kroeff e seus associados do Serviço Nacional de Câncer procuram instruir o nosso povo, numa demonstração que entra pelos olhos. Que todos fixem bem a magnífica lição. Poderes públicos, médicos, educadores, divulgadores, a sociedade, em geral, que se articulem em torno dos técnicos, no combate a tão impiedoso inimigo da humanidade. *Renato Machado*. — Professor Médico.

Tôdas as felicitações, todos os louvores ao insigne Mário Kroeff,



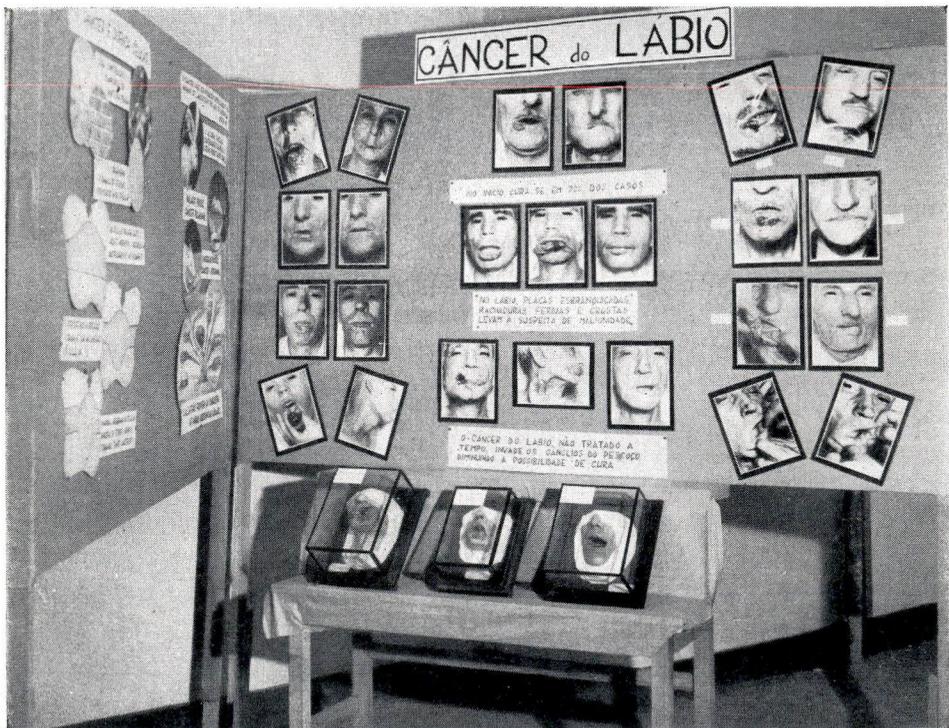
Quadro mostrando a proporção em que se distribue, entre nós, o câncer nas várias regiões do corpo humano, variável conforme o sexo.

benemérito e humanitário, verdadeiro espírito apostólico, forrado de homem de ciência. A presente exposição honra a nossa Pátria e o nosso povo. *Jorge de Lima* — Presidente do Conselho Municipal.

O eminente colega e apaixonado em bem servir a humanidade, não podia fazer campanha mais inteligente e mais eficiente. *Raul David de Sanson*. — Presidente da Academia Nacional de Medicina.

Nada vi de mais perfeito em matéria de propaganda, quer no terre-

no puramente técnico, apresentando desenhos, fotografias e dados estatísticos de uma expressividade, realmente admirável, digna de ser vista, quer no terreno científico ou cultural. Mas, acima de tudo quanto representa esta grandiosidade material, técnica e científica, expressas de maneira tão feliz, está a demonstração do valor moral e cultural dos organizadores e dos que se entregam, desinteressadamente, aos cancerosos neste Serviço Nacional de Câncer. Penaliza-me ver que esta vida dos "Campeões da luta contra o câncer", seja ainda tão



*O painel referente ao câncer do lábio, vendo-se lesões antes e depois do tratamento curativo. Em baixo, modelos em cera reproduzindo o aspecto das lesões ao lado alguns cartazes sugestivos.*

oculta e mal compreendido o seu trabalho. Como as grandes obras necessitam de um período de obscuridade, também esta, afim de que cheguem breve os seus dias gloriosos. Esta "Exposição" marcará época nos destinos da Medicina no Brasil. Como Religiosa Educadora faço votos para que estes beneméritos da humanidade sejam seguidos por muitos neste labor insano e dignificante e sejam também ouvidos os seus conselhos, não apenas no Distrito Federal, mas em todos os recantos de um País, tão necessitado de cultura quanto o nosso, bem como em todos os Países civilizados, afim de que eles saibam que no Brasil, onde há personalidades nobres quanto estas, especialmente, como a do prezado amigo Dr. Mário Kroeff, também se avança a passos largos em todos os setores de atividade humana. *Irmã Maria V. do Rosário, O. P.* — *Irmã Julieta Maria, O. P.* — *Irmã Maria Solange, O. P.* — *Irmã Maria Colomba, O. P.*

Esta exposição é uma escola viva, onde o leigo, a pessoa do povo, bem pode aquilatar da obra gigantesca dos nossos médicos especializados, em tão humano mistér. É preciso que o povo saiba, os Governos sintam e todos colaborem, pelo exemplo, pelo esforço, por todos os meios a seu alcance, para que se resolva de vêz no Brasil, senão no mundo, êste terrível problema que tanto aflige a Humanidade. Meus sinceros parabens ao Dr. Mário Kroeff, diretor dêste Serviço, pelo

muito que fez até agora. *R. da Silva Ramos.* — Ten, Cel. Chefe do Estabelecimento Central de Transportes do Exército.

Nos últimos tempos, constitue, a meu ver uma das mais beneméritas campanhas que se vêm fazendo e que tanto eleva os homens de bem e de valor que a dirigem. *Domingos G. da Silva Cunha.* — Engenheiro e professor.

Grande trabalho de um grande chefe e de auxiliares abnegados. *Alvaro Osório de Almenda.* — Médico, Professor.

A Exposição do Câncer é, a meu ver, o elemento fundamental na propaganda contra êsse terrível mal. Visitando, hoje, esta amostra da atividade incansável na luta contra o câncer, orientada pelo Prof. Kroeff com o precioso auxílio dos Drs. Sérgio de Barros Azevedo, Alberto Coutinho e de todos os outros médicos do Serviço Nacional de Câncer, sinto-me, realmente, jubiloso diante do sucesso alcançado, pela nobre iniciativa. O povo está ávido por se instruir, de fôrma a poder defender-se melhor desta doença, tão traiçoeira. Esta "Exposição", conseguiu mostrar de maneira simples e convincente os estragos causados pelo câncer, a importância de reconhecê-lo, precocemente e a possibilidade de obter curas completas. Espero que, dentro em breve, em todo o Brasil, nos municípios mais humildes, os ensi-

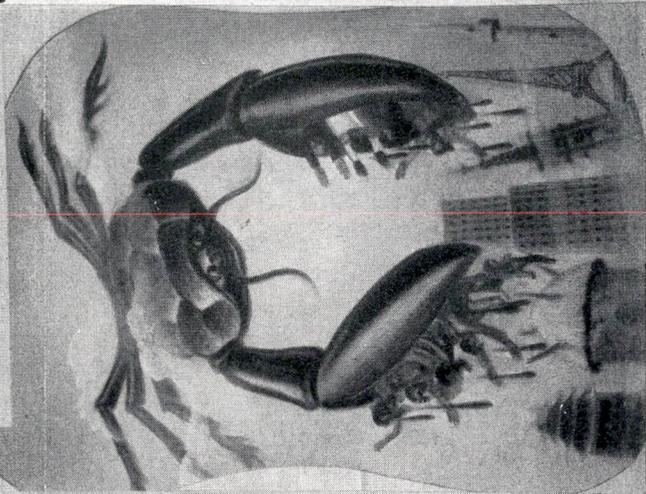
# CANCEROFOBIA !

A PROPAGANDA  
É ACUSADA DE  
CAUSAR  
PÂNICO !

SÓ OS IGNORANTES  
E OS NERVOSOS TÊM  
MEDO DE TUDO NA  
VIDA !

O CONSELHO, A PRUDÊNCIA,  
A SABEDORIA PODERÃO  
SALVAR  
MILHARES DE  
VIDAS !

O CÂNCER ATACA TANTO O RICO,  
COMO O POBRE. NÃO POLUPANDO  
RACA, SEXO, IDADE EM QUALQUER  
PARTE DO MUNDO...

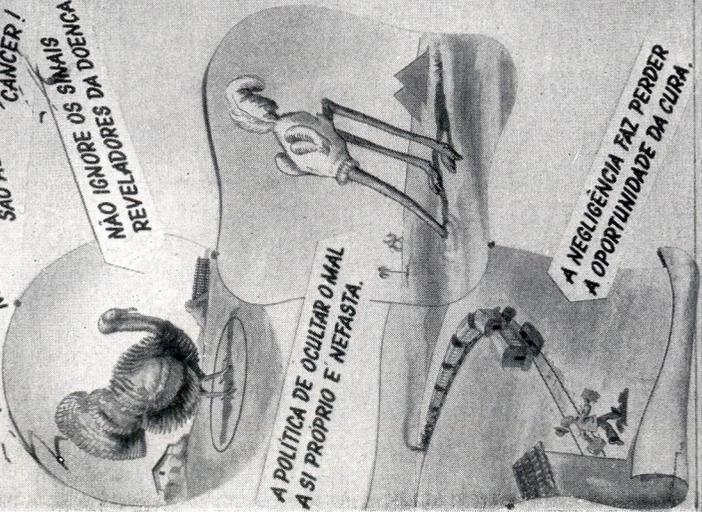


IGNORÂNCIA  
MEDO & NEGLIGENCIA  
SÃO ALIADOS DO  
CÂNCER !

NÃO IGNORE OS SINAIS  
REVELADORES DA DOENÇA

A POLÍTICA DE OCULTAR O MAL  
A SI PRÓPRIO É NEFASTA.

A NEGLIGENCIA FAZ PERDER  
A OPORTUNIDADE DA CURA.



Cartazes que confeccionamos com a colaboração do desenhista J. Rabong, mostram os perigos do câncer e procuram incutir no povo conselhos adequados.

namentos elementares sôbre o câncer, sejam administrados da mesma forma que está agora sendo feito nesta Capital. Cada um de nós deve formar na primeira linha de defesa, na guerra contra o câncer, procurando os esclarecimentos necessários que permitam o reconhecimento precoce do maior flagelo da humanidade contemporânea. *Antonio Prudente*. — Diretor da Associação Paulista de Combate ao Câncer.

Considero esta exposição magnífica obra, pelas finalidades educativas que apresenta, mostrando lealmente todos os horrores de uma doença terrível que bem poderia ser atenuada em sua propagação, se o povo conhecesse os meios certos de evitá-la e o tratamento correto a ser empregado no início. Que outras exposições sejam realizadas com os mesmos objetivos e o Serviço Nacional de Câncer terá prestado a mais valiosa cooperação em favor dos brasileiros, vítimas ou predispostos a essa moléstia, assim tão terrível! Parabens aos seus organizadores. *A. Raul Rezende*. — Médico Puericultor.

Esta exposição, tão boa em sua organização quanto as melhores que tive o ensejo de visitar nos Estados Unidos e na Argentina, oferece ao povo brasileiro a arma mais efetiva na luta contra o câncer, que é a educação do povo no sentido de reconhecer tão cedo quanto possível, o terrível inimigo e dar-lhe o combate preciso e cien-

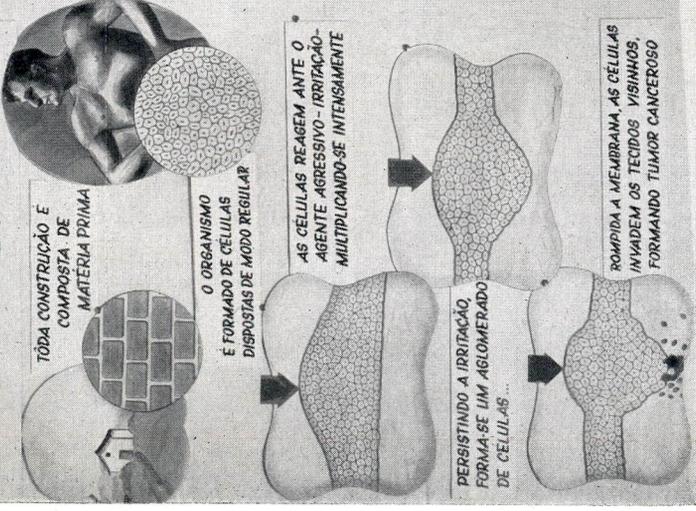
tífico, pelos especialistas no assunto. O Prof. Mário Kroeff, levando avante tão útil campanha, torna-se credor da gratidão da nação inteira. Que sua iniciativa se propague por todo o Brasil. *Walter G. Santos*.

Ocasionalmente encontré esta interessante exposición del cancer. He recorrido con atención los diferentes aspectos, encontrando en todos los casos, además de una perfección artística en cuanto a la elaboración, la más perfecta exhibición científica y de divulgación que nunca habia observado en mi viaje por países de America del Sul. Es una verdadera cathedra de cancerologia al alcance de todos! — *Dr. Carlos Saischel Lual*.

El "Cancer", cuyo peligro aún ignorado en las grandes masas de los pueblos, requiere grandes sacrificios y esfuerzos para ser divulgado. Esta exposición, pequeña, pero de grande esfuerzo y significado, demuestra el adelanto y la voluntad de un grupo de estudiosos sacrificados que, altivos, serenos y optimistas, en una mañana no lejano verán suas aspiraciones realizadas y su trabajo comprendido por la humanidad. *Hugolina Castro Vargas*. Bioquímica y Farmaceutica, Jefe del Laboratorio Biologico Central. (La Paz — Bolivia).

Num país, como o nosso, em que a solução dos problemas sociais depende da educação do povo, exposições como estas engrandecem

## O CÂNCER E DOENÇA CELULAR



O CÂNCER É CONHECIDO DESDE REMOTA ANTIGUIDADE...

OS PAPIRUS DO EGITO FAZEM REFERÊNCIAS...

OS SACRÓFAGOS TRAZEM INSCRIÇÕES A RESPEITO...

MÚMIAS APRESENTAM LESÕES OSSEAS TÍPICAS DO CÂNCER...

OS ANTIGOS DERAM À DOENÇA O NOME DE CÂNCER PELA SEMELHANÇA COMO O CARANGUEJO.

O CÂNCER É DOENÇA UNIVERSAL, POIS ACOMETE TODOS OS SÉRES VIVOS

Tipos de cartazes figurando aspectos do problema do câncer para efeito educativo.

os seus promotores, exaltando-lhes as qualidades de patriotismo e, sobretudo, de fraternidade humana. Devíamos ter por todo parte, por todos os quadrantes de nossa Pátria, muitas e muitas demonstrações, como estas, onde a massa popular aprendesse a defender a própria saúde. *Martins e Silva* — Juiz de Menores.

Se todos os brasileiros fizessem o que o conhecido facultativo Dr. Mário Kroeff vem fazendo em benefício dos que são atingidos por este terrível mal, o problema hospitalar no Brasil teria conquistado um lugar de grande destaque. Unir-mo-nos aos ideais de Mário Kroeff é cooperar pela salvação de milhares de brasileiros. *Samuel Rodrigues*. — Jornalista.

O câncer, atualmente, é o inimigo maior da humanidade; combatê-lo é obra humanitária e patriótica. Para combatê-lo, é necessário torná-lo popularmente, conhecido. Não me parece possível objetivar de maneira mais clara, do que pela forma por que vem de fazer Mário Kroeff na presente exposição, a divulgação visual, das localizações e perigo da doença. Kroeff lavrou um grande tento. Tornou-se ainda, mais merecedor da gratidão de todos os brasileiros que têm interesse pela saúde do povo. *Fábio Carneiro de Mendonça*. — Médico.

O ingresso do problema do câncer nos quadros dos serviços de saú-

ce pública representa um notável avanço na obra de perseverança e de prolongamento de vida. A ação educativa é neste setor da máxima importância; a forma verdadeiramente impressionante com que está apresentada nesta exposição, merece o apêlo e o elogio do povo brasileiro. Aqui deixo os meus mais calorosos aplausos aos seus organizadores. *Dr. Mário Palhares*. — Médico.

A exposição que acabamos de percorrer, é, antes e acima de tudo, uma obra ou trabalho eminentemente educativo e popular. Ensina, esclarece e orienta, mesmo aos leigos, como eu. E também mostra o quanto já tem feito entre nós, o Serviço Nacional de Câncer. Serve igualmente para demonstrar que é necessário ainda muito esforço e muita dedicação, não só do Poder Público, como da iniciativa particular para combater o terrível mal. *Newton Ferreira Pires*. — Residente em Belo Horizonte.

É com real admiração que deixo esta "Exposição" pois nela tudo se resume no que há de humanitário para os leigos no assunto. Esta é a chama da salvação e, para os que conhecem, uma prova de que ainda existe bondade no coração humano. *José Sanciger*.

Mário Kroeff não precisa de elogios, nem de estímulos. Quem possui essa força interior realiza milagres, como essa obra admirável

de educação sanitária, que adestra o povo na luta contra o câncer. *Oswaldo F. Barbosa.* — Médico.

Ao príncipe do bisturí elétrico — Professor Mário Kroeff — muito ficará a dever o Brasil futuro, pelo êxito da magnífica exposição, emi-

tores da sociedade sofredora os ilustres cientistas e especialistas que se dedicam a curar e prevenir. De há anos, o nome de Mário Kroeff e distintos colegas que se impõe à gratidão nacional. Que Deus continue a abençoá-los. *Frei Pedro Sinzig.* — O. F. M.



*Irmãs Dominicanas percorrem a exposição enaltecendo seu valor educativo e registrando suas impressões no livro de presença.*

nentemente educadora e educativa. *Dr. José E. Barreto.* — Médico Sanitarista.

Benefício em larga escala, esta admirável exposição. Que bemfei-

Ao deixar a Exposição de Câncer, do Serviço Nacional de Câncer, quero deixar registrado que foi a mais engenhosa e inteligente de quantas já presenciei. Realizada, indiscutivelmente, com a maior cla-

reza, está sendo de inestimável valor para pessoas de todos os níveis culturais. Eu próprio, embora médico, não necessito dizer que aprendi muito ao concluir a visita. Acho que esta exposição poderia ser permanente, tão grande é sua utilidade. *Arnóbio Calheiros Bomfim.*

Visitando a exposição de câncer, na qualidade de médico-cirurgião, não me surpreendi, mas confesso que a sua organização, foi além de minha expectativa e que não é difícil a qualquer pessoa prever os seus resultados. *Dr. Hilário Costa.*

Salve Mário Kroeff!

Que a modéstia e fragilidade de minha expressão, apenas autorizada pelos muitos anos em que já venho acompanhando, embora de longe, seu gigantesco esforço, possam entrar como pedrinha a mais no tremendo apóio e estímulo de que de todos é necessário e merecedor, como campeão na campanha contra isso que por excelência se constitui, de todos os males físicos que assolam a humanidade, o mais caracteristicamente maligno — o câncer. E posam no mundo inteiro, todos os Mário Kroeff, de todos os povos, convergir, proficuamente, no sentido da solução global e decisiva que é de esperar, venham a atingir, sem tardança, neste terrífico setor do problema médico da humanidade. Salve! *Benjamim S. Barradas.* — Engenheiro.

A exposição sobre cancerologia do Dr. Mário Kroeff, focalizando, inteligentemente, sob seus múltiplos aspectos o grave problema nacional da doença, ensina desde o homem da rua até o médico militante. A obra médico-social dêsse benemérito cientista, eu o digo, como professor de higiene, merece os aplausos do Brasil. *Marcelo Silva Júnior.* — Prof. de Higiene na Faculdade de Farmácia.

A divulgação científica é obra para gigantes. Levar ao povo as noções que gravitam em torno dos ambientes doutos, é tarefa das mais difíceis. Nesta exposição, a par da síntese perfeita, conseguiu-se vulgarizar, sem deturpar; vulgarizar sem escandalizar. Parabens ao Serviço Nacional de Câncer, em tão boa hora, colocado sob a direção de Mário Kroeff. — *Prof. Heitor G. Reis.*

Percorrendo esta exposição, há como que uma chave que abre, imediatamente, qualquer coração no anseio de cooperar, ajudar, apiedar-se dos portadores de tão terrível mal. Bem dita a mão do médico ilustre que idealizou esta mostra, tocando as sensibilidades, além do cuidado preventivo que todos terão. Isso já é um caminho de cooperação. Faço votos para que o esforço do ilustre diretor encontre, em todos os ângulos da necessidade científica ou material, todo êxito possível. *Adalgiza Bittencourt.*

A exposição a que acabo de assistir, aponta à gratidão pública o nome do cientista brasileiro Mário Kroeff e pena é que os poderes públicos não dêem o devido aprêço à tão magnífica iniciativa. *Lourival Coutinho*.

A primeira condição é que impressione. E impressiona pelo realismo das fotografias, pelas magníficas ceroplastias que nos fazem vêr, ao vivo, as deformidades que atormentam os cancerosos. Em boa hora, o Serviço Nacional de Câncer realizou esta exposição, que alertará, certamente, o nosso desnorteado público contra essa insidiosa moléstia. Exposições, nos moldes desta, devem ser promovidas para que o povo saiba da frequência e perigo dos males que afligem a humanidade. A imagem é muito forte. Tenho certeza que no espírito popular terá causado funda e benéfica impressão. Eu já disse através de meu comentário na Emissora Continental e ressaltai essa obra meritória, na luta contra o câncer, liderada por Mário Kroeff, a quem todos tributamos tanta admiração. *Wilson Jardim Neves*.

Esta exposição impressionou-me duplamente: pela clareza e perfeição com que foi feita e pelo sucesso que está tendo. Nunca supuz que o público viesse tão espontaneamente instruir-se sobre os perigos do câncer, doença que figura num dos primeiros lugares, entre os que fazem mais vítimas no Brasil.

A exposição atual demonstra, ainda, com que abnegação e com que espírito de sacrifício trabalham Mário Kroeff e seus auxiliares do Serviço Nacional de Câncer, desajudados dos poderes públicos e quase boicotados pelo Congresso que não vota verbas suficientes para obra tão útil. *Gondim da Fonseca*. — Jornalista.

É êsse, incontestavelmente, o meio inteligente e hábil de estimular a cooperação popular numa luta, em que é fundamental a educação das próprias vítimas atingidas pelo mal. A sobriedade e discrição com que foi organizada esta exposição, recomendam o critério científico, adotado na direção do Serviço Nacional de Câncer. E os visitantes se encontram, por um lado, fartos ensinamentos, abundantes motivos de alertamento contra os indícios da doença, recebem, por outro lado, a confortadora certeza da proteção eficientes com que poderá contar. *Erasto Gaertner*. — Deputado Federal.

Um Mário Kroeff é pouco neste Brasil com 60.000 cancerosos. Uma exposição contra o câncer também é pouco neste país, onde o problema do câncer é visto com medo e vergonha. Compensa, entretanto, a certeza de que, em breve, povo e govêrno compreenderão a campanha humanitária de combate ao câncer, prestigiando a obra de Mário Kroeff e de seus companheiros de jornada. *Edmar Morél*. — Jornalista.

A verdade nem sempre é agradável aos nossos sentidos, mas é a maneira mais prática de conhecermos o mal que nos rodêia. Na magnitude dessa exposição, não podemos limitar seu valor, porque excede à nossa perspectiva. Poderemos esperar os frutos que serão colhidos para a saúde e felicidade de muitos patricios. *Carlos Hermann.*  
— Odontológico.

Ouvia falar num certo doutor Mário Kroeff diretor do que eu pensava ser uma repartição burocrática destinada a combater o câncer, como há tantas outras no Brasil, que, apenas se “destinam” ao combate disso e daquilo. Visitei, entretanto, o Asilo dos Cancerosos Inválidos, da Penha, e, de lá saí certo de que êsse homem não é apenas um cientista, mas um apóstolo. *Heráclio de Sales.*

## FILME SÔBRE O CÂNCER

A primeira parte reproduz o trabalho hospitalar, numa clínica de câncer, focalizando o diagnóstico, o tratamento pela cirurgia e pelo radium, a roentgenterapia, aspectos da pesquisa no trabalho de laboratório em animais, cine-microscopia e roentgen-cinematografia.

A outra parte procura concatenar a história do câncer que é a própria história da medicina e do pensamento humano.

Partiu a filmagem do estudo do câncer nas múmias do Egito e dos Incas, com lesões ósseas típicas, das inscrições nos sarcófagos, referentes às doenças, algumas cancerosas, e dos papiros de milênios, que descreviam êste mal. Daí o filme representa a atribuição dos Deuses na cura das doenças, até chegar à Era de Hipócrates, o primeiro a fugir da influência divina, para examinar os doentes e observar a natureza. Até aí a medicina era exercida através

benzeduras pelos monges nos conventos, detentores da cultura na época.

O filme reproduz cenas da medicina grega, transferida aos romanos e depois a Bagdad, Meca e Alexandria, com Rhazes, o primeiro a empregar a sutura em cirurgia.

Do Islamismo, passa o facho da civilização à Espanha, apegada ao Alccrão, para chegar a Montpellier, grande centro de cultura, onde se fizeram, em segredo, os primeiros estudos de anatomia, aproveitando-se os cadáveres dos condenados. Volta à Roma, com Vesálio, célebre anatomista.

Só mais tarde, a cultura médica sobe ao norte da Europa, estabelecendo-se em Paris uma luta entre os médicos clínicos e os barbeiros que eram os cirurgiões da época.

Ainda se usava óleo fervente sobre as feridas, para estancar as hemorragias operatórias.

Sustentava-se que as feridas que não se curavam com ferro incandescente eram incuráveis (câncer). Tudo foi figurado no filme.

Leuvenhoek inventa o microscópio. Em cine-microscopia, filmamos o movimento dos espermatozóides, maior preocupação do descobridor dos vidros de aumento, ao estudar os segredos da vida e do minúsculos animais.

Harvey descobre a circulação. Surge a anestesia com Morton.

Aparece Pasteur, com os organismos infinitamente pequenos, negando a geração espontânea e sustentando a tese de que todo ser provém de outro sêr vivo.

Estuda a desinfecção contra os micróbios, para chegar à esterilização cirúrgica, com Lister.

Enfim, dois grandes passos se completam na evolução da medicina com Röntgen, descobrindo os raios X, e Madame Curie, o radium.

A filmagem, cêrca de mil metros, foi feita à minha custa.

Uma cópia, falada em inglês, exibida no Museu de Arte Moderna, em New York, com a assistência de alguns cancerologistas do Memorial Hospital.

Representa, na verdade, a propaganda viva e impressionante sôbre o problema do câncer e a história da medicina, em geral. Deixei-o no arquivo do Serviço Nacional de Câncer.

# ASILO DE ASSISTÊNCIA AOS CANCEROSOS

## RAZÕES MÉDICO-SOCIAIS DE SUA CRIAÇÃO

Desejo contar a história de uma instituição hospitalar criada, nesta cidade, com a finalidade de acolher as vítimas de um mal que às vezes castiga sua prêsa, por longo tempo, com dôres persistentes.

Refiro-me ao Asilo dos Cancerosos, instalado na Penha Circular, à rua Magé, 326.

A idéia de sua criação nasceu em 1938, logo depois de inaugurado o antigo Centro de Cancerologia, anexo ao Hospital Estácio de Sá. Tendo contado com a presença do Presidente Vargas, a imprensa tôda enaltecera a auspiciosa realização promovida em favor dos cancerosos.

Às portas daquele Centro, juntava-se, pela manhã, uma multidão de enfermos em diferentes estádios da doença. Alguns recuperáveis pelo tratamento, com o mal em sua fase inicial, ainda em período localizado. Outros, já trôpegos, com lesões adeantadas, não encontrando na cancerologia mais que um remédio paliativo. Os incuráveis eram ali rejeitados pela contingência implacável da falta de espaço. Êsses pobres infelizes não deveriam ocupar, por tempo indeterminado, um leito onde se pudesse recuperar

algum outro, dentre os presentes, ainda passível de cura. Em face daquela custosa aparelhagem, ali especialmente instalada, uma cama passou a ter, sem dúvida, valor imponderável, se julgada a preço humano. A qualquer de nós, sempre doía o momento da negativa de um leito, só para descanso e alívio, mórmente àqueles que vinham do Interior. Percebia-se-lhes a depressiva tristeza, causada pelo desenganho. Esperavam encontrar aqui na Capital, naquele órgão oficial da cancerologia, a Canaan sonhada em longas noites de sofrimento. Aquelas criaturas pressentiam rapidamente, em nossos olhos, o motivo verdadeiro da recusa. Então, seus sonhos voavam em tornaviagem para o torrão natal, agora ainda mais desvanecidos. Vinham à custa de esmola de gente amiga e nem sabiam o caminho para voltar.

Assim, assistindo de perto às tragédias diárias, senti em profundidade o dever social imposto a quem recebera a incumbência de dirigir, no País, um Serviço oficial de câncer. Compreendi logo que duas providências

diferentes deveriam ser tomadas dentro do problema.

De um lado, a pesquisa para descoberta das origens do mal, par e passo, com o tratamento de todos os casos ainda em condições de recuperação.

De outro, a assistência paliativa aos desenganados, que deixaram avançar demasiado sua doença, ou foram medicados de modo inadequado ou deficiente.

Se a salvação da vida dos homens é obrigação precípua, econômica, dos poderes públicos, já o alívio dos incuráveis é obra sentimental, diretamente ligada à comunidade. Se, no estado atual de nossos conhecimentos, cura-se apenas um terço de todos os casos de câncer, infelizmente o restante, sempre numeroso, cai na classe dos irrecuperáveis, acompanhado de interminável sofrimento, por longos meses a fio.

Estes distribuem-se pelos lares, angustiando a família inteira, com o desvêlo e enfermagem. Justa a dedicação, pois é o amor do mesmo sangue. Socialmente, porém, isso representa muitos a cuidar de um só, quando, em hospital adequado, uma enfermeira pode atender a vários, com os recursos de alívio, prontos e à mão.

Mais grave e infeliz ainda é a situação dos desenganados, quando não possuem lar, nem meio de adquirir o sedativo. Entre nós, onde é grande a pobreza, o canceroso desamparado, às mais das vezes, cai na miséria, com

a degradação lenta trazida pela doença. Esses é que deveriam merecer especialmente o amor e o amparo de todos nós. Por causa deles, quando me vi senhor daquela pequena célula de tratamento do câncer, em 1938, firmei comigo o propósito de levar avante a organização de um Asilo, onde o canceroso indigente e recusado às portas dos hospitais pudesse ter um fim de vida menos penoso, consolado, no conforto de um leito, pelo remédio, pela bondade e pela religião.

Não foi difícil a tarefa, porque a finalidade era humana e meritória. De fato, a obra floresceu por si só. O Asilo construiu-se com pedras oferecidas pelo público. A mão de obra veio do apoio moral de amigos e assistentes.

Numa assembléia geral realizada no salão nobre do antigo prédio da Associação dos Empregados no Comércio, à Av. Rio Branco, em 27 de junho de 1939, apresentei os planos de amparo aos incuráveis.

A memorável sessão, composta de numeroso e seletto auditório, sob a presidência de honra da Sra. Darcy Vargas e do Desembargador Augusto Saboia Lima, aprovou os estatutos, elaborados previamente com a ajuda jurídica de Prado Kelly. A nova entidade, ali fundada e instalada, tomou o nome de Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Entre as restrições levantadas pelos presentes, registrou-se uma do poeta Murilo de Araújo.



*Assembléia de fundação da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio, sob a presidência de D. Darcy Vargas, no dia 27 de Junho de 1939.*

Pedi que os estatutos silenciassem a palavra incurável. A assembléia apoiou o delicado sentimento do orador.

A diretoria ficou assim constituída: Darcy Vargas, presidente de honra; Edmundo da Luz Pinto, presidente; Jovita Silva Pinto, vice-presidente; Sérgio de Azevedo, secretário; Mário Morais Paiva, tesoureiro e Mário Kroeff, di-

retor-técnico. No Conselho Fiscal, Alberto Coutinho.

Todos os presentes tornaram-se logo sócios contribuintes, com mensalidade variável de 2 a 5 cruzeiros. Alguns maiores, com 10. No início das atividades, logo se destacaram pelo interesse tomado, além das duas diretoras, as senhoras Irineu Marinho e Camila Furtado Alves.

## OS TRÊS PRIMEIROS BENFEITORES

E' preciso falar do apoio prestado pelo grande público à Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos.

O acaso defrontou-me o primeiro benfeitor: Antônio Almeida Gonzaga Jr. Pedi a êsse amigo uma casa completa para os cancerosos que não tinham um teto, onde morrer. Ofereceu-me um prédio, à rua André Cavalcanti. Fui vê-lo. Porta e duas janelas. Julgando-o inadequado às finalidades previstas, propus ao doador, a êle

mesmo, a venda do imóvel. Aceitando a transação, entregou-me um cheque de cem mil cruzeiros, sem mais formalidades. A Associação fez logo, em agosto de 1943, a compra de um velho casarão, isolado no centro de vasto terreno, à rua Magé, 326, na Penha. Preço, 210 mil cruzeiros.

Aquele valioso donativo completou logo a importância da compra, juntando-se às nossas reservas de 138 mil cruzeiros, saldo da receita das festas realizadas no

Casino Icaraí, Grajaú Tênis Club, recitais de piano e canto, somado às contribuições mensais dos associados, acumuladas em três anos. Ótima aquisição, pois diziam que aquela casa abandonada, à noite, enchia-se de assombração. No entanto, aquêlê prédio, suposto abrigo das almas penadas, transformou-se

minar sua via crucis. Passariam ali os últimos dias, no repouso de tranqüila hospitalidade.

O pessoal, encarregado de cuidar dos doentes, constava de enfermeira, cozinheira e servente. Êsses três abnegados servidores revessavam-se, englobando, em função única, a enfermagem,



*Prédio onde foram asilados os primeiros quatro cancerosos, à rua Magé, 326, Penha, em Fevereiro de 1944.*

em berço de obra meritória, em 2 de fevereiro de 1944, ao receber os primeiros asilados. Eram quatro criaturas minadas pela doença e rejeitadas pelo Serviço Nacional de Câncer. Já se achavam quasi a ter-

a cozinha e o velório. Como, nos primeiros tempos, não dispunham de necrotério, transformaram logo o porão alto, de terra batida, em sala mortuária. Vela num pires era o círio do pobre.

A Santa Casa sepultava nossos mortos ou dava-os à Escola de Medicina, para estudo de anatomia.

Se o Asilo, ao nascer, não deixou de constituir um atentado

à higiene hospitalar, foi sem dúvida necessário para implantar a semente de uma obra destinada a florescer pela sua benemerência médico-social. Viveu das contribui-



*No primeiro plano, vêm-se a enfermeira Genoveva Cristoforo e educadora Camila Furtado Alves, à entrada do Asilo de Assistência aos Cancerosos. Ao lado, a porta do porão que, no início, serviu de sala mortuária, em 1945.*

ções arrecadadas de um público, escasso no início.

As despesas orçavam e m sete mil cruzeiros mensais. Na- queles quatro leitos, aumentados gradativamente no primeiro ano, as vagas sucediam-se com fre- qüência e eram logo preenchidas por outros doentes, sempre ansiosos que ali se lhes abrisse uma porta. E o sentimento, entre os colabo- radores, era de satisfação pelo dever social cumprido. Destaco o tesou- reiro Mário de Moraes Paiva, sem- pre incansável. Também a enfer- meira Genoveva.

Num domingo, à tarde, dei- xando as praias da Av. Atlântica, fui visitar o Asilo. Percebi então como a alegria se trans- fere fácil para a tristeza. A nossa enfermeira achava-se atenta em seu posto. Achei-a edificante na justifi- cativa:

“Não pude sair, Dr. Mário, tenho dois passando mal”.

Fiquei a considerar: Como se ali não estivessem todos passando mal! E como a alma humana difere em face do sofrimento alheio?! Pois há quem opine diverso dessa fina- lidade de acolher-se um doente sem cura. Quanto menos viver, menor para a comunidade a carga de uma vida inútil. De certo, não pensava assim a enfermeira Genoveva Cris- tofero.

Empenhou-se também na pro- teção dos internados, desde os primeiros dias, Camila Furtado Alves, auxiliando material e espiri- tualmente a Genoveva sempre ex-

tremada, ao lado dêles. Ex-profes- sôra dos filhos de Vargas e minha amiga desde os tempos do Rio Gran- de, Camila transmitia aos nossos doentes as dádivas de Dona Darcy, considerada, mais tarde, madrinha dos cancerosos, pela atenção dispen- sada especialmente a esta classe de enfermos, ao lado das suas múlti- plas obras sociais.

O Asilo ia se equilibrando, em suas crises financeiras, sempre no esforço de ampliar sua capacidade assistencial, quando apareceu o se- gundo benfeitor: José Martinelli. A história tem sua curiosidade. Fui um dia chamado para vê-lo, em domicílio. Apresentava a perna es- tendida, em almofada, num tam- borete. Ao lado, seu médico assiste- tente. Recebeu-me logo com a se- guinte proposta:

“Doutor, se me puzer bom, n u m a semana, e m condições de voltar a o trabalho d o es- critório, lhe darei cem contos”. Num golpe de vista, já havia feito o diagnóstico. Não era câncer, como êle supunha. Respondi que aceitava o compromisso. No fim de oito dias, voltou o industrial ao seu gabinete, reconhecido pela minha vitória. Du- rante o tratamento, tivemos ocasião de trocar impressões sôbre o pro- blema do câncer, doença que o apavorava sobremodo. Prometeu- me ajudar no Asilo e na campanha geral no País. Quando lhe dei alta, seu médico assistente lembrou os honorários prometidos. “Não se incomode”, foi a resposta ao seu patrício, em sotaque italiano. “Da-



*O antigo prédio do Asilo, com seus dois pavilhões construídos às expensas de José Martinelli, em 1945.*



*Esqueleto do novo hospital, em construção, ao lado do Asilo de Assistência aos Cancerosos, em 1952.*

rei muito mais aos seus cancerosos". De fato, deu bastante a êles. Autorizou-me logo a receber maior número de doentes, até vinte se possível. Mandou construir mais dois pavilhões, um em cada lado do prédio. Também um necrotério, tão necessário àquela vivenda, já por si transformada em ante-câmara da morte. Gastou nessas obras 384.600 cruzeiros. Durante dois anos, custeou as despesas do Asilo, numa média de vinte mil cruzeiros mensais. Inesperadamente, em 1946, morreu o grande benfeitor dos cancerosos. Pretendia criar a Fundação José Martinelli. Chegou a elaborar seus estatutos. Convocou uma assembléia de fundadores, sob a presidência da Sra. Darcy Vargas, na sede da Legião Brasileira de Assistência, em 21 de maio de 1945. Assinaram o livro de presença vários amigos seus e meus, como fundadores. Deixou registrada na ata uma doação de cinco milhões de

cruzeiros, para ampliação do Asilo e auxílio na campanha contra o câncer no País. Comprou, até, para a Fundação Martinelli, uma área na Estrada Rio-Petrópolis, quilômetro 35. Fui com êle escolher o local. Depois de sua morte, os planos filantrópicos de Martinelli não foram realizados.

Convém registrar que êle deu também à Sociedade Brasileira de Cancerologia, da qual eu era Presidente, cem mil cruzeiros para constituir-se um fundo de reserva.

Seu sócio e inventariante, Mário de Almeida, sucedeu-o, igualando-se nos mesmos gestos de generosidade para com os cancerosos. Ao cabo de um ano, morreu também o nosso terceiro grande benfeitor. O Asilo passou então a viver da proteção do povo em geral e da dedicação daqueles que resolveram, graciosamente, acompanhá-los de perto, no caminho do bem.

## AMBIENTE DE MEDICINA E DEVOÇÃO

Com a morte de José Martinelli que mandara construir dois pavilhões ao lado do Asilo, para abrigar 46 enfêrmos, ficamos em dificuldades. Felizmente, a Instituição já se tornara conhecida e acatada, na voz do povo.

Obra de utilidade pública e única no gênero, em todo o País, já se tinha firmado, com finalidade própria e específica:

a) Ambiente adequado, composto de servidores resignados a

assistir com paciência os que sofrem doença grave, irremediável;

b) Comiseração à pessoa humana, quando consumida por lesões extensas, em órgãos principais, sempre encarada como indesejável nos hospitais gerais, quando ocupa um leito, por tempo indeterminado;

c) Ambiente de medicina e devoção, preparado para reerguer esperanças perdidas e dar aos incuráveis a doce ilusão de estarem medicados com remédio;

d) Assistência religiosa aos que se acham desconsolados no fim da vida;

e) Socialmente, hospital econômico, sem aquêles aparatos necessários à urgência médica, ou às custosas intervenções, com rigores de assepsia e pessoal técnico multiplicado, podendo uma só enfermeira cuidar de muitos;

f) Ambiente dominado por gemidos que se ouvem apagados, com mais ou menos sedativo, prodigalizado por mãos habituadas a concedê-lo;

g) Centro de estudo do câncer, sem quebra do respeito à vida humana, mesmo bruxoleante, visando descobrir alívio duradouro, enquanto a ciência médica não encontrar um agente geral e específico, redentor do homem contra a doença, em qualquer de suas fases, ou, ao menos, quando surpreendida ao despontar.

Em setembro de 1948, a Associação (A.B.A.C.) modificou a sua diretoria: Presidente — Mário Kroeff; Vice-Presidente — Sra. Brigadeiro Armando Trompowsky; 2º Vice — Alberto Coutinho; Secretário Geral — Jorge Marsillac; Tesoureiro — Mário Morais Paiva; Diretor-Técnico — Sérgio Azevedo; Fiscal — Amador Campos.

Nessa época, o Jóquei Clube Brasileiro deu-me os meios necessários para realizar uma campanha educativa, já que o Serviço Nacional de Câncer não dispunha de verba apropriada. Nossa sociedade turfista teve um gesto de beneme-

rência, sob a presidência de João Borges, concedendo-me 80.0000 cruzeiros. E, em nome da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, uma grande exposição, com finalidade educativa e assistencial, foi apresentada ao público, em novembro de 1948, na loja do Edifício Darke, à Av. Treze de Maio, inaugurada por Clemente Mariani, então Ministro da Educação e Saúde. Essa exposição apresentou a doença em todos seus aspectos, principalmente em suas lesões iniciais, com fotografias, desenhos, peças anatômicas e reproduções em cera, cartazes, etc. A primeira, realizada no Rio de Janeiro, serviria de modelo ou roteiro a outros mostruários a serem exibidos, posteriormente, aqui ou nos Estados. A finalidade era também assistencial, destinada a angariar fundos às vítimas do câncer.

Elogiada pela imprensa carioca, que lhe dispensou o maior apoio, a exposição foi visitada por milhares de pessoas, que ali deixavam seus óbulos, numa barrica coletora, levando em troca conhecimentos úteis na defesa da saúde, própria ou familiar. O Presidente Dutra, ao visitá-la, considerou louvável a nossa Associação, por ter promovido mostruário tão objetivo, na educação do povo.

Sobre o efeito causado no público, basta citar algumas das impressões registradas no livro dos visitantes e que vão adiante em outras páginas dêste fascículo.

O Jôquei Clube Brasileiro instituiu também um prêmio denominado "Campanha contra o Câncer", destinando aos cancerosos a renda líquida do movimento do páreo.

Clóvis Pestana, então Ministro da Viação e Obras Públicas, mandou emitir um selo postal e imprimir 5.000 folhinhas comemorativas da "Campanha contra o Câncer", vendidas aos filatelistas em favor do Asilo.

Coletas foram efetuadas em listas distribuídas entre particulares, casas comerciais, estabelecimentos coletivos. Um álbum, ricamente organizado, condensou todas as atividades daquela companhia, inclusive a reprodução das palestras realizadas pelos médicos do S.N.C. ao microfone da Agência Nacional.

Festivais diversos, levados a efeito nos clubes da cidade, focalizaram o nome da Associação e deram renda. Teve a maior repercussão social o "garden-party" realizado nos jardins do Solar Henrique Lage. O programa para essa festa, sob a direção artística de Marcos de Abreu mereceu cuidados, excepcionais. Num tablado armado entre as árvores

seculares da linda vivenda, colocaram-se mesinhas, em torno de uma pista de dança. Várias barraças, para venda de bebidas e comestíveis, sob a guarda de patronesses, circundavam o recinto. Defronte à pista, em plano mais elevado, foi montado um palco para desfile de modas, exibidas por senhoritas de nossa sociedade. Nêles tocaram duas orquestras, a Sinfônica Brasileira, dirigida pelo Maestro Eleazar de Carvalho e a de Romeu Silva, para o "ballet" das "Operárias de Jesus" sob a direção de Vaslav Weltschek. Houve também leilão de jóias e objetos de arte. O efeito de luz, em clarões difusos na ramagem das árvores, bem organizado, compôs esplêndido ambiente para a mais bela e elegante festa noturna, ao ar livre, realizada no Rio de Janeiro.

Na comissão organizadora, as Senhoras Brig. Armando Trompowsky, Cypriano Lage e Mário Kroeff, a senhorita Aurea Bastos e Silvio Januzzi.

A renda foi compensadora. Teria sido muito maior se uma chuva inesperada não tivesse interrompido o entusiasmo da dança e do champagne.

## HOSPITAL MODERNO

Com os fundos arrecadados na festa do Solar Henrique Lage e demais atividades da Campanha de novembro de 1948, a A.B.A.C. iniciou logo a reforma das instalações

do Asilo, remodelando a cozinha, refeitório, enfermarias, banheiros, etc.

Em novembro de 1949, tomou a direção da A.B.A.C. Alberto



*O novo Hospital dos Cancerosos, a que foi dado o nome do fundador da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Terminado na administração de Alberto Coutinho, foi inaugurado em 1954.*

Coutinho, como vice-presidente em exercício, tendo eu me afastado temporariamente. Nessa época, já havia um saldo em caixa na Instituição de Cr\$ 987.889,00. Fiquei de longe, na supervisão, limitando-me a pedir aos amigos, ora a um, ora a outro.

De posse de algumas doações da Prefeitura e do Govêrno Federal, que nos haviam sido concedidas, Coutinho iniciou logo a construção de um novo hospital, ao lado do antigo. Plantas elaboradas pelo arquiteto Victor Palma e revistas por Félix Lamela, que aqui esteve a serviço da ONU.

Contratou também os serviços de uma Irmandade Religiosa que não só melhorou a administração, como contribuiu

para animar o estado espiritual dos doentes.

Instalou no andar térreo do futuro hospital, ainda em esqueleto, uma lavanderia para resolver as necessidades do Asilo, sempre crescentes na obrigação de mudar constantemente as roupas de cama nas enfermarias. A lavanderia atendia também ao Serviço Nacional de Câncer, por tarefa contratada.

Os períodos 1950-1951 dedicaram-se às obras do novo hospital e às dificuldades burocráticas para obtenção das verbas. A êsse respeito muito cooperou a influência de Jorge Marsillac, secretário da A.B.A.C. e chefe do setor das subvenções no S.N.C. Ajudou-a desde o tempo em que eu era diretor do S.N.C., depois na gestão

Antônio Prudente e últimamente no período Pinheiro Guimarães. Em 1951, 102 cancerosos tiveram baixa no Asilo, por falecimento. Em 1952 promoveu-se intensa campanha de arrecadação. Conseguiram-se donativos em dinheiro, gêneros alimentícios, equipamentos, móveis, objetos de uso para conforto dos doentes. "O Globo" obteve do público uma geladeira. Antônio Fiorêncio doou 70 colchões com travesseiros. O Centro Espírita da Penha deu lençóis, fronhas, seringas e agulhas. Anônimos, vários cobertores e meias. A Casa Neno uma máquina de costura. O "O Globo" conseguiu 21 aparelhos de rádio e uma eletrola. A Organização das Voluntárias, por várias vezes, deu fronhas e lençóis. Auxiliaram-nos pelo rádio os programas de Monseñor Henrique Magalhães e de Adélia Sursland. Camila Furtado Alves, na Rádio Ministério da Educação, em "educar para vencer", falou de 1942 a 49, bendizendo os propósitos da nossa Associação.

Não foi pequena a contribuição de Léa Silva, na Rádio Nacional e Ana Maria, na Rádio Clube do Brasil.

Camila, em 1949, auxiliou a distribuição pela cidade de uma rede de cofres coletores de óbulos para o Asilo.

Tanto a Caixa Econômica como sua Associação Beneficente fizeram donativos. Vaz Toler forneceu impressos para recibos e propaganda. Idem, Gráficas Almeida Marques. Mário Moraes Paiva fez donativo

em memória de sua espôsa. Doações vultosas foram recebidas: Celine Guinle Paula Machado, Edmundo da Luz Pinto, Alfeu Ribeiro, José Rodrigues da Costa, José Gonçalves Portela, C. de Osiris Josephson, Pedro Serrado e outros. A Drogaria Gesteira deu também cheques e remédios várias vezes.

Merece destaque o apôio que, desde 5 de julho de 1951, nos vem prestando a Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer. Festejou no mês passado, dez anos de atividade constante ao lado da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Alista voluntárias para constituir uma rede feminina de educação e combate, com o compromisso de passar adiante tudo que aprenderam a respeito do inimigo comum.

São irmãs nos mesmos propósitos filantrópicos. Se a Legião tem um decênio de serviços prestados, esta outra já amadureceu com 23 anos de atividades, na lida diária ao lado dos que sofrem. Enquanto uma educa para alertar contra as lesões adiantadas, a outra protege àqueles que deixaram o mal avançar demasiado. Se a mais nova pede, a outra aplica o óbulo recebido. A Legião nasceu sob o patrocínio de Inge Coutinho, sua primeira presidente. Foi depois sucedida por Heloisa Marsillac, que imprimiu grande entusiasmo, em sua nobre finalidade. Últimamente na direção, a eficiente Hilda Faulhaber de Moraes, professora competente, organizou junto às es-

colas da Prefeitura, a campanha do alumínio, despertando entre os colegas o sentido da solidariedade humana. Por ela, toneladas de painéis velhos daquele metal e tampinhas de garrafas de leite, têm sido vendidas anualmente pela A.B.A.C., sempre com renda ponderável.

De 1956 até 1960, recolheram 8 toneladas e 410 quilos de metal que se destinava ao lixo e recuperaram a soma de Cr\$ 455.210,00. Pela campanha do sêlo, vendido nas escolas com autorização da secretaria da antiga Prefeitura, Cr\$ 731.098,00 e o dos jornais velhos, Cr\$ 93.864,00, perfazendo o total de Cr\$ 1.288.172,00, obtidos em favor dos cancerosos do Hospital Mário Kroeff.

Em 1953, a Prefeitura mandou calçar a rua Magé, que conduz ao Asilo, a pedido da Associação e por influência do engenheiro Felipe Reis. Ajardinou também a área pertencente à nossa Instituição por interferência da Sra. Mourão Filho.

Lindo parque de eucaliptos foi plantado para abrigar o novo hos-

pital contra a poeira, o ruído, o vento e o sol.

Na sessão de 14 de maio de 1954, estando eu presente como presidente efetivo, licenciado, assumi a presidência temporariamente e de acordo com os estatutos, conferi o título de vice-presidente de honra da A.B.A.C. a quatro sócios fundadores, que têm acompanhado até agora as atividades da entidade, com o espírito de abnegação e despreendimento: Alberto Coutinho, Sérgio Azevedo, Jorge Marsillac e Mário Moraes Paiva, nomes que constituem pedras angulares da Instituição.

Em maio de 1954, prosseguindo-se as obras do novo hospital, os doentes foram transferidos para o 2º andar ainda inacabado, ficando o primitivo Asilo transformado em sede da administração, dormitório das enfermeiras e clausura das Irmãs.

Amador Campos incumbiu-se da supervisão das obras e aquisição do equipamento do novo hospital, aprontando-o logo para a inauguração.

## HOSPITAL MÁRIO KROEFF

Em agosto de 1954, afastei-me da presidência da A.B.A.C., confiando seu destino aos companheiros. Pretendia retirar-me para o exterior, a fim de me submeter a operação grave. Então, em Assembléia, realizada a 24 de outubro de 1954, sob a presidência de Alberto

Coutinho, a A.B.A.C. resolveu dar ao novo estabelecimento o nome de Hospital Mário Kroeff.

Constou, em ata: "Justa homenagem ao pioneiro da luta organizada contra o câncer no Brasil, fundador do Serviço Nacional de Câncer e da Associação

Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Dedicou o melhor de sua vida ao humanitário esforço para criar no País entidades destinadas, não só ao tratamento do câncer, como ao abrigo dos incuráveis, quando indigentes”.

Organizaram um álbum artístico, assinado por toda a diretoria, onde se lêem trechos escritos assim:

“Esta homenagem, prestada à V. Excia., é um preito de profundo reconhecimento e admiração pela obra que realizou no Brasil em prol dos cancerosos, obra que tanto tem concorrido para o engrandecimento das atividades médico-sociais no País. O Hospital Mário Kroeff, cuja concepção e criação devemos a V. Excia., representa o valor de trabalho e de tenacidade, postos a serviço do bem. Lembrará personalidade de altos méritos, a servir de exemplo e de estímulo nas gerações futuras”.

Esse documento foi-me entregue um ano depois, ao regressar da América, em novembro de 1955, com a saúde restabelecida. Aí, já estava na voz do povo, difundido, o nome dado ao novo hospital dos cancerosos, com impressos de propaganda em circulação, não me sendo mais possível evitar esse tipo de homenagem, habitualmente só conferido em memória dos mortos.

Alberto Coutinho entregara-se à tarefa, corpo e alma, levando a

têrmo as obras do novo hospital. Obtendo subvenções do Governo da União e da Prefeitura Municipal, inaugurou-o em festa comovente, no Natal de 1954.

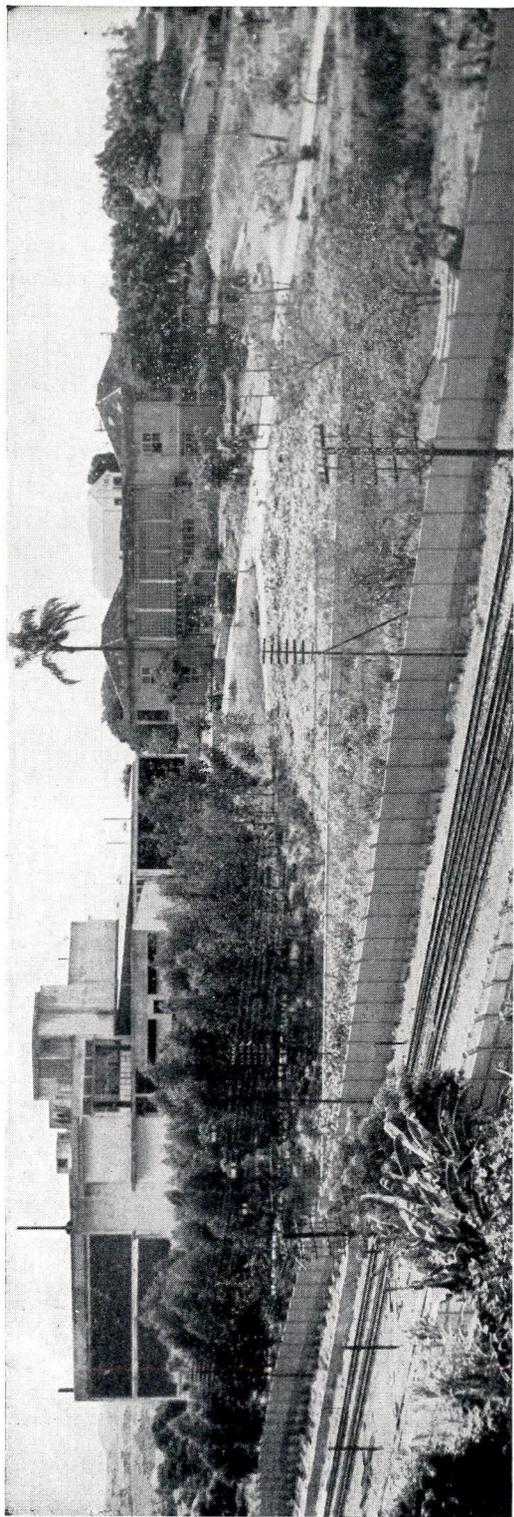
Mais tarde, completando-o, o Jóquei Clube deu-lhe os elevadores que havia retirado de sua sede.

Em 1956, a Tribuna da Imprensa obteve do público uma tenda de oxigênio.

O número de cofres coletores, espalhados pela cidade, foi multiplicado, sob fiscalização de Nazareth Simões da Motta.

O tesoureiro, M. Moraes Paiva, fez a aquisição de três conjuntos de salas, à rua Almirante Barroso 6, um para escritório da A.B.A.C. e dois para renda. Adquiriu também um terreno à rua Enes Filho, contíguo à área da Instituição. Em 1957, deixou a tesouraria, passando-a a Ildeu Ramos de Lima e enaltecendo os serviços prestados gratuitamente, durante vários anos, pelo contador Diniz Rodrigues da Silva.

Novos benfeitores apareceram com a popularidade adquirida pelo Hospital. Prontificaram-se a custear mensalmente um leito, com o nome do doador à cabeceira: o comerciante Manoel Lopes, Banco Norsul, Produtos Pindorama e Celuta Silva Gonçalves (4 leitos), em memória de Germano José Gonçalves; Comendador Albertino J. Pinto, Banco Lowndes, Moinho Inglês, Produtos Prata Moderna, Luiz Pinto Tomaz, com Cr\$ 10.000,00 mensais, e Guilhermina Monteiro, ex-enfer-



*Vista de conjunto do Hospital Mário Kroeff, ao lado do antigo Asilo de Assistência aos Cancerosos.*

meira-chefe do S.N.C., que viu nascer o Asilo.

O Lion's Club da Lagôa deu substancial ajuda para a ampliação das obras.

Sob a presidência de Adriano Rodrigues, cooperaram também o Social Ramos Club e o Rotary Club Leopoldinense.

A Associação tem sido contemplada com legados em testamento: um deixado por Maria Soledade e outro por Blanca Calderon de la Barca.

Últimamente, o atual presidente orientou-se no sentido de modificar a antiga situação de simples asilo, transformando-a em hospital moderno, especializado na cirurgia da dor e na radioterapia, para alívio duradouro.

Também a quimioterapia está sendo ensaiada contra o câncer avançado.

Adquiriu dois potentes aparelhos: Radioterapia profunda e rádio-diagnóstico. Instalou duas salas de operação, equipadas com aparelhagem de esterilização e instrumental cirúrgico. Montou laboratório de análises e banco de sangue.

Aumentou a capacidade do Hospital, dobrando as despesas.

Hoje, com 94 doentes, custa ao povo cerca de 800 mil cruzeiros mensais. A soma vale plenamente pela importância dos serviços que presta. Como não pode atender senão uma parte daqueles que batem

diariamente à porta do Hospital, a Diretoria resolveu limitá-lo exclusivamente aos desamparados, aqueles que não estão protegidos pelas leis trabalhistas. Os trabalhadores já descontam nos seus vencimentos o direito de atendimento médico. Essa decisão não representa dureza de coração, por parte da Diretoria. Ao contrário, ela tem até se excedido em sentimentalismo. Basta lembrar que o Hospital Mário Kroeff faz hoje transfusão de sangue nos irrecuperáveis. Há pouco, visitou nosso Hospital um médico francês, Dr. Ennuyer, diretor da conhecida "Obra do Calvário", que, em Paris, há longos anos, vem recebendo cancerosos sem cura. Declarou que ali todos pagam e ninguém recebe serviço gratuito. Admirou-se do nosso requinte assistencial, em dar sangue de graça a quem não tem mais salvação. Um dos nossos médicos, João Bancroft Vianna, justificou ante aquele facultativo a sensibilidade do povo brasileiro, em face dos que sofrem: "se temos doadores espontâneos, porque não se dar o conforto da melhora a quem está exangue?"

Enfim, até hoje, desde os tempos do Asilo, alí já se abrigaram, sob um teto amigo, cerca de 7 mil cancerosos. A maioria, de certo, passou para o além, já não maldizendo mais as dores da vida, graças às bençãos lá recebidas das Genovevas e das Irmãs Vicentinas, devotadas criaturas, cuja felicidade se resume no bem alheio.

Eis, resumida, a história da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, que transformou o primitivo Asilo em Hospital Mário Kroeff.

Ele espera também a tua contribuição, meu caro leitor.

Visita aquela Casa de abnegação e de sofrimento. De lá, sairás consolado, se por ventura guardares contigo o dissabor de pequenos reveses, a angustiar tua vida íntima.

Um benefício para ti e para os que sofrem.

# HOSPITAL LAUREANO

Inaugura-se, em João Pessôa, no dia 20 de Outubro próximo, o Hospital Laureano. Esmerado no projeto funcional, arquitetura, equipamento e mobiliário, está destinado a prestar enormes serviços à população paraibana. Estenderá, certamente, seu raio de ação ao Nordeste, aquela vasta região desassistida, onde ainda existe tão baixo padrão de vida, por doenças e pobreza.

O novo hospital, conduzido por especialistas, habilitados em proveitoso estágio, no Serviço Nacional de Câncer, de certo, vai desenvolver sua atividade funcional, em alto nível técnico, no campo da cancerologia moderna.

Concretisa-se, assim, o ideal filantrópico daquele martir, que regressou à sua terra para "o encontro marcado com a morte", desenganado que vinha pela ciência norte-americana, em março de 1951. Napoleão Rodrigues Laureano não desejou para seus coestaduanos a mesma desdita. É que, ao adoecer, na Paraíba, na suspeita de se achar atingido ou ameaçado pelo câncer, ele não dispôs dos meios para reconhecer prontamente seu mal, ainda em fase incipiente, com probabilidade de cura. E a ocasião foi perdida. Por isso, empenhou-se em

decidida campanha em favor de seus patricios.

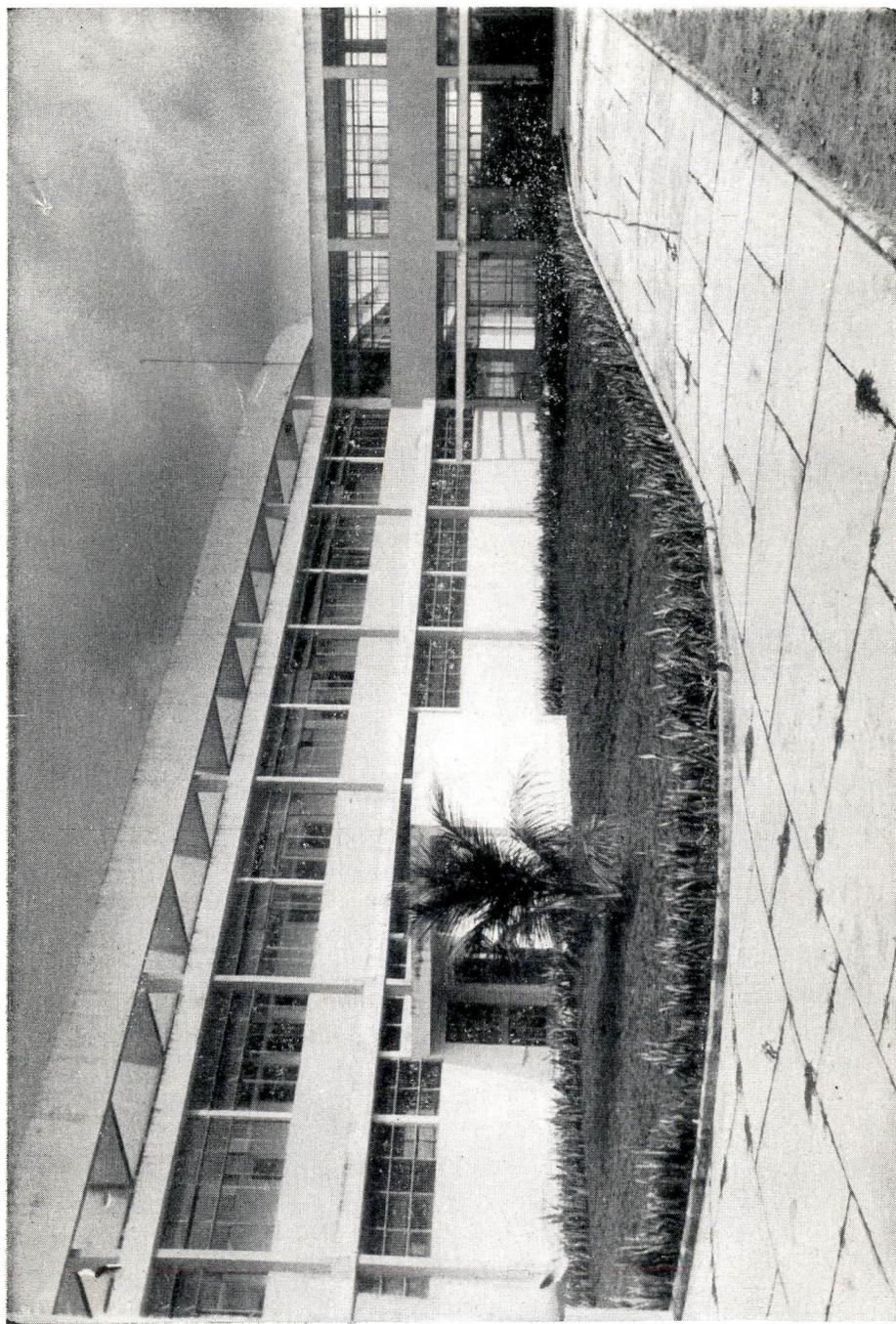
Hoje, em face daquele monumento hospitalar, "in memoriam" de sua abnegação, o povo julgará bem empregada a contribuição dispensada. Laureano, na verdade, estoicamente dominou suas dôres, encarando a morte com a serenidade de um bravo, para poder realizar, em pród do bem alheio, obra de tamanho alcance médico-social.

Como seu médico assistente e diretor do Serviço Nacional de Câncer, coordenei a arrecadação dos donativos, explicando a todos sua futura aplicação e procurando dar à bela campanha, por êle desfraldada, o devido realce, no estado emocional do povo.

Graças também a êle, criou-se, no Congresso Nacional, ambiente de receptividade à aprovação de um vultoso crédito de cem milhões de cruzeiros, em projeto apresentado pelo Deputado Janduí Carneiro e destinado à luta contra o câncer no País.

Dez anos se passaram, desde que Laureano aqui encerrou sua via-crucis, num quarto do Hospital Gaffrée-Guinle, em 31 de maio de 1951.

Minha derradeira homenagem foi prestada ao embalsamar seu



*Vista do Hospital Laureano que será inaugurado no mês de outubro corrente (1961), em João Pessoa. Entrada principal.*

corpo, para ir repousar em terra pa-raibana. Ele deixara, com a Direto-ria da Fundação Laureano, o peso de um compromisso de honra: concretisar a idéia por que se sacrifi-cára. E, aos componentes dessa En-tidade, organizada publicamente nu-ma mesa-redonda, realizada no Diá-rio Carioca, sob a presidência do jornalista Pompeu de Souza, em 16 de março de 1951, não foi fácil se desincumbir daquele legado, aceito, quasi em fórmula de juramento. É que os fundos arrecadados, cada vês mais se tornavam insuficientes para estruturar-se obra grandiosa, den-tro das aspirações determinadas por seu testador. Na soma total já des-pendida na construção do Hospital, foi preciso pedir ao Governo Fede-ral uma complementação de recur-sos, com verbas autorisadas anual-mente.

Donativos arrecadados do pú-blico 8.744.088,00, subvenções do go-vêrno, 51.010.000,00, juros bancários 2.404,805,00, outras rendas 371.788,00, perfazem a soma de 62.530.682,00.

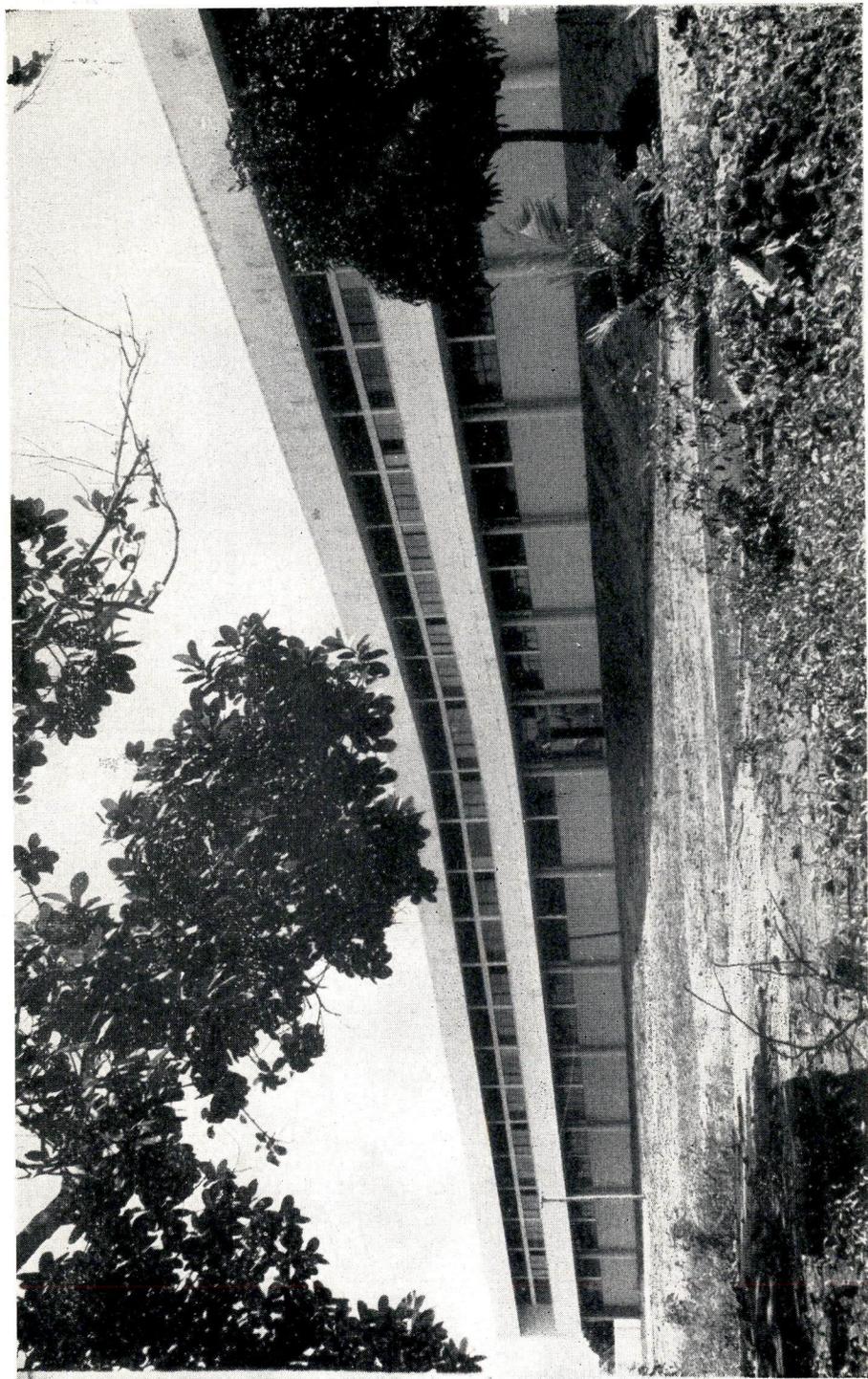
As despesas totais até hoje (Set.º 61) orçaram 44.182.127,00, in-cluindo aí a construção 20.941.053,00, equipamento 22.534.380,00, veículos 624.194,00, móveis e utensílios 55.000,00, além de outras des-pesas. As disponibilidades são de 14.466.122,00, em depósito no Banco H. Lar Brasileiro.

A atual diretoria da Fundação é composta de Janduí Carneiro, pre-sidente; Ruy Carneiro, tesoureiro;

Mário Kroeff, diretor - executivo; Jorge de Marsillac, diretor-secretá-rio.

Em João Pessoa, coube-me a es-colha de um terreno doado pelo Go-vernador José Américo. Tracei os planos do Hospital, inspirado na vontade de Laureano. Nas plantas, colaborou Felix Lamela, técnico da ONU. A construção foi executada por concorrência pública. Na insta-lação e arremates, tem redobrado sua dedicação Jorge de Marsillac, companheiro de Diretoria, servido pela cooperação do escritório-técni-co Morales Ribeiro. O organogra-ma funcional, com sistema de re-gistro e documentação do trabalho hospitalar, é de autoria do cirurgião Francisco Pinheiro que, convidado, aceitára o posto de diretor do hos-pital. Vão dirigir o Nosocômio os seguintes especialistas, todos parai-banos, que estagiaram no Serviço Nacional de Câncer: Antonio Car-neiro Arnaud, Aldson Cavalcanti, Azuir Lessa, Severino Rodrigues, dentista. Anato-mo - patologista, o titular da cadeira na Faculdade de Medicina da Paraíba, Professor Eli Chaves. O Desembargador Severi-no Montenegro abnegadamente tam-bém serviu à Fundação, no setor da Paraíba.

Essa obra, inspirada no sacrifi-cio de um médico, vítima do câncer, marcará, no País, mais uma etapa na organização da luta contra o grande mal, desta vês, atendendo, em parte, ao Nordeste, essa vasta



*Hospital Lanreano. Edificio visto por sua face lateral.*

região tão desprovida de recursos de toda ordem.

No jardim que embeleza a entrada do Hospital, a Fundação mandou erguer o busto de Napoleão Laureano, bronze a perpetuar, na memória das gerações

que se beneficiarem daquela realização, o nome de seu bemfeitor.

A classe médica brasileira guardará sempre presente o gesto desse colega que demonstrou sua fé na Medicina e no valor das armas de defesa contra o câncer.

## ORGANIZAÇÕES ESTADUAIS, FILIADAS À CAMPANHA NACIONAL CONTRA O CÂNCER

O Decreto que criou o S. N. C. (N.º 3643, de 2 de Setembro de 1941) deu-lhe atribuição para “organizar, orientar, controlar, em todo País, a Campanha contra o Câncer”.

Assim, a ação do seu primeiro diretor não se limitou a criar e desenvolver um órgão hospitalar na Capital da República. Procurou também estender a influência do Serviço na luta contra a doença nos Estados, estimulando a organização de uma rede de unidades assistenciais, filiadas à orientação técnica do órgão central.

A política adotada foi a de auxiliar-se a iniciativa privada, mediante convênios tríplices de subvenção, nos quais as entidades particulares entrariam com uma parte, a União com outra e o Governo Estadual com a terceira, na obrigação de, no total dos leitos, manter sempre dois terços gratuitos. Essa rede, em poucos anos, estendeu-se do Norte a Sul do País.

Ao deixar a direção do S. N. C., em janeiro de 1954, já havia várias em franca atividade funcional e completa independência administrativa.

Tive ocasião de visitá-las em companhia de assistentes, inaugu-

rando serviços ou novas instalações, fazendo conferências, dando conselhos ou levando até o material das nossas exposições educativas, organizadas de modo a ter facilidade de transporte e exibição. Às vezes, era obrigado a influir para harmonizar diretorias, com membros divergentes, chegando até a propor reformas de estatutos das mesmas, ou conciliar grupos locais, interessados no combate ao câncer, reunindo-os num só núcleo, ou dividindo as subvenções destinadas a cada instituição.

Em alguns Estados, a criação dessas entidades foi até forçada por mim, como aconteceu no Rio Grande do Norte. Em 1949, passei telegrama a um médico amigo em Natal, José Tavares da Silva, nos seguintes termos: “organistem aí, dentro de uma semana, uma Liga ou Sociedade, de combate ao câncer, registada em cartório, que darei 200 mil cruzeiros, do contrário perderei essa verba.”

Ao cabo de poucos dias, veio a resposta: “Fundada e registrada a Liga Norte Rio Grandense contra o Câncer, pelo Dr. Luiz Antonio”. Logo ele comprou por 130 mil cruzeiros uma chácara com prédio apro-

veitável para instalação de um Asilo, que constituiria um núcleo inicial, em torno do qual poderia pedir auxílio do público para desenvolver a obra. De fato, desenvolveu. No início para se manter mandou vender água na cidade, em barris, numa carroça, carregada por jumento.

O saldo de 70 mil cruzeiros deu-lhe ainda para comprar um microscópio, um aparelho de eletrocirurgia, utensílios, e proceder a adaptação do prédio às novas finalidades.

Em 1953 foi distribuída a verba de 6 milhões de cruzeiros a entidades sediadas nas seguintes cidades: Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Macaíó, Aracajú, Salvador, Vitória, Curitiba, Belo Horizonte, Distrito Federal (Instituto de Oncologia e Clínica Ginecológica da Universidade, São Paulo, (Universidade de São Paulo e Centro de Medicina Nuclear), Pôrto Alegre, Pelotas e Uberaba.

Para 1954, ao deixar o Serviço, já constava, aprovada no orçamento, a verba de 7.500.000,00 cruzeiros, destinada a essas e outras, instituições em fase de instalação.

Meus sucessores na direção do S. N. C., primeiro Antonio Prudente

e depois Pinheiro Guimarães, seguindo a mesma orientação, triplicaram o número de organizações estaduais, aumentando-lhes as subvenções.

A elas tôdas e outras mais que se criaram, deu-lhes grande impulso o vultoso crédito de 100 milhões de cruzeiros, aprovado no Congresso em 1953, a propósito da Campanha Napoleão Laureano, projeto apresentado por Jandui Carneiro, nosso companheiro na diretoria da Fundação Laureano.

Como encarregado desse setor, em minha administração, teve papel saliente o Dr. Jorge Marsillac, chefe da Seção de Organização e Controle do S. N. C., pôsto em que continuou prestando reais serviços à causa pública, depois de minha demissão.

Hoje, 1961, a rêde no País, grandemente ampliada, consta das seguintes unidades que procuram se aperfeiçoar cada cada vês mais, melhorando os meios de diagnóstico e tratamento dessa doença, objeto da atenção dos Governos, graças à insistência dos nossos cancerologistas.

Liga Amazonense Contra o Câncer  
Presidente: Dr. José A. Palhano  
Fundada em 1955.

Instituto Ofir Loyola  
Presidente: Dr. Jean Bittar  
Fundado em 1949 por Eugenio Soares

Liga Maranhense de Combate ao Câncer  
Presidente: Governador do Estado,  
Dr. Newton Belo  
Fundada em 1953.

Sociedade Maranhense de Radiologia  
Presidente: Dr. Cássio Reis Costa  
Fundada em 1954.

Sociedade Piauiense de Combate ao Câncer  
Hospital de Combate ao Câncer - Teresina  
Presidente: Dr. Décio Genuino de Oliveira  
Fundada em 1954.

Instituto de Câncer do Ceará  
Presidente: Dr. Waldemar Alcântara  
Fundado em 1949.

Liga Norte Rio-Grandense contra o Câncer  
Presidente: Dr. Tavares da Silva  
Fundada em 1949 por Luiz Antonio

Fundação Laureano - João Pessôa  
Presidente: Dr. José Jandúhy Carneiro  
Fundada em 1952 por Pompeu de Souza  
e Mario Kroeff

Sociedade Pernambucana de Combate ao  
Câncer  
Hospital de Câncer do Recife  
Presidente: Dulce Sampaio  
Fundada em 1947.

Núcleo de Combate ao Câncer da Santa  
Casa de Misericórdia de Maceió  
Provedor: Dr. Luiz Calheiros Junior  
Fundado em 1947 por Ib Gatto Falcão

Hospital de Cirurgia — Centro de Can-  
cerologia — Aracajú  
Presidente: Dr. Fernando Sampaio e  
Oswaldo Leite  
Fundado em 1949 por Augusto Leite

Hospital Santa Izabel — Aracajú  
Diretor: Dr. Gileno Lima  
Fundado em 1959.

Liga Bahiana Contra o Câncer  
Hospital Aristides Maltez  
Presidente: Dr. Carlos Aristides Maltez  
Fundado em 1936 por Aristides Maltez.

Hospital Santa Izabel - Salvador  
Diretor do Hospital: Dr. Aristides Novis  
Diretor da Clínica: Dr. Adelaido Ribeiro  
Fundado em 1952.

Serviço Estadual de Câncer da Bahia  
Diretor: Dr. Ruy de Lima Maltez  
Fundado em 1952.

Serviço Estadual de Câncer - Espírito Santo  
Diretor: Dr. Afonso Bianco  
Fundado em 1950 por Afonso Bianco.

Associação Feminina de Educação e Com-  
bate ao Câncer - Vitória  
Presidente: Dona Ilza Bianco  
Fundada em 1952 por Ilza Bianco.

Liga Fluminense Contra o Câncer - Niterói  
Presidente: Dr. Humberto Milton Dantas  
Fundada em 1952.

Hospital Municipal "Antonio Pedro" - Niterói  
Diretor da Clínica Ginecológica  
Prof. Mário Pardal  
Fundado em 1954.

Liga Campista Norte Fluminense contra o  
Câncer  
Presidente: Dona Josefa São Paulo Maireles  
Fundado em 1954.

Associação Brasileira de Assistência aos  
Cancerosos  
Presidente: Dr. Alberto Lima de Moraes  
Coutinho  
Fundada em 1939 por Mário Kroeff

Instituto Brasileiro de Oncologia  
Presidente: Dr. João dos Reis Ferreira  
Machado  
Fundado em 1941 por Doellinger da Graça

Fundação Bela Lopes de Oliveira  
Diretor: Dr. Waldemar Dias da Paixão  
Fundada em 1949 por Virginia Lopes de  
Oliveira.

Legião Feminina de Educação e Combate  
ao Câncer  
Presidente: Dona Elvira Ferreira Vianna  
Fundada em 1951 por Ingeborg Coutinho  
e Heloisa Marsillac.

Sociedade Brasileira de Cancerologia  
Presidente: Dr. Alberto Lima de Moraes  
Coutinho  
Fundada em 1949 por Mario Kroeff.

Clínica Ginecológica da Faculdade Nacional de Medicina - Rio  
Titular: Alvaro de Aquino Salles  
Fundada em 1953 por Arnaldo de Moraes (Serviço de Prevenção do Câncer)

Clínica de Tumores da Santa Casa de Misericórdia - Rio  
Diretor: Dr. Vilela Pedras  
Fundada em 1950 por Costa Junior.

Clínica de Câncer da Beneficência Portuguesa — Rio  
Chefe: Dr. Adayr Eiras de Araújo  
Fundada em 1953 por Adayr Eiras de Araújo.

Clínica Maurity Santos — Hospital da Gambôa - Rio  
Chefe: Dr. Silvio Lemgruber  
Fundada por Maurity Santos.

Coordenação de Prevenção e Assistência ao câncer — Estado da Guanabara  
Diretor: Dr. João Jacques Dornelles  
Fundada em 1952 por João Jacques Dornelles.

Associação Paulista de Combate ao Câncer  
Presidente: Dr. Haroldo Levy  
Fundada em 1934 por Antonio Prudente

Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho  
Presidente: Prof. Ayres Neto  
Fundado em 1921.

Centro de Medicina Nuclear - São Paulo  
Diretor: Dr. Tede Eston  
Fundado em 1953 por Tede Eston.

Liga Paranaense de Combate ao Câncer  
Presidente: Dr. Adeodato Orlando Volpi  
Fundada em 1947 por Erasto Gaertner

Instituto Roentgen de Combate ao Câncer - Rio do Sul  
Diretor: Dr. Clovis Von Harthentall  
Fundado em 1953 por Harthentall

Associação Catarinense de Medicina  
Presidente: Dr. Armando Valerio de Assis  
Fundada em 1955 por Muniz de Aragão.

Associação Sul Riograndense de Combate ao Câncer (Ex-Sociedade Médica de Combate ao Câncer)

Presidente: Sr. Manlio Agrifoglio  
Fundada em 1941 por A. Saint-Pastous

Santa Casa de Misericórdia de Pelotas  
Provedor: João Rouget Perez  
Fundada em 1954.

Clínica Cesar Santos — Passo Fundo  
Diretor: Dr. Cesar Santos  
Fundada em 1954.

Hospital Santa Lúcia — Cruz Alta  
Diretor: Dr. H. Westphalen  
Fundada em 1956.

Hospital de Caridade "Dr. Astrogildo de Azevedo" - Sta. Maria  
Provedor: Dr. Alcides Roth  
Fundado em 1954.

Instituto Borges da Costa - Belo Horizonte  
Presidente: Dr. Oswaldo Borges da Costa  
Fundado em 1921 por E. Borges da Costa

Associação Mineira de Combate ao Câncer - Belo Horizonte  
Presidente: Prof. Luiz Adelmo Lodi  
Fundada em 1954.

Associação de Combate ao Câncer do Brasil Central  
Presidente: Dr. Helio Angotti  
Fundada em 1952 por Mario Palmerio

Serviço Estadual de Câncer de Minas Gerais  
Hospital de Câncer de Belo Horizonte  
Diretor: Dr. Eduardo Tavares  
Fundado em 1951.

Associação de Combate ao Câncer em Goiás  
Presidente: Dr. Alberto Augusto de Araújo Jorge  
Fundada em 1956.

Associação Matogrossense de Combate ao Câncer  
Presidente: Dr. Ivo Ricci  
Fundada em 1954.

Associação Campograndense de Combate ao Câncer  
Presidente: Dr. Alberto Neder  
Fundada em 1954.

Santa Casa de Misericórdia de Rio Branco  
Provedor: Dr. Milton Matos Rocha

\* \* \*

Ao finalizar esta resenha documentada de minhas atividades profissionais, à frente da campanha contra o câncer no Brasil, durante 16 anos, tenho consciência de haver cumprido meu dever, como médico e cidadão.

E, no acervo dos serviços prestados a meu País, além dos quatro Hospitais a que levei, sem dúvida, a minha pedra construtiva — Centro de Cancerologia — Hospital Instituto Nacional de Câncer — Asilo de Assistência aos Cancerosos (Hospital Mario Kroeff) — Hospital Laureano — referidos no texto deste fascículo, posso adicionar ainda mais um: Hospital dos Servidores do Estado.

## HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO

Na construção desse grande bloco hospitalar, em nossa cidade, trabalhei durante 11 anos. Acompanhei-a de perto, desde 1934, com a escolha do local, à rua Sacadura Cabral, ocupado por uma velha Serraria, com depósito de madeira, até o final da estrutura com 12 andares, terminada em 1945.

Foi Salgado Filho, então Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, que me nomeou integrante de um Conselho, composto de funcionários, encarregado de crear para o funcionalismo federal um órgão de assistência médica.

Era presidente desse Conselho, Mario de Moraes Paiva, que teve atuação importante na fase inicial, quando de sua criação, enquanto que a mim tocou influir na parte médico-hospitalar.

Vale a pena contar um pouco da sua história, hoje tão esquecida. A idéia veio de Mario Moraes Paiva, diretor no Ministério do Trabalho, ao tempo do Ministro Salgado Filho, em 1934. Foi logo apoiada por Osvaldo Aranha, então Ministro da Fazenda, numa das reuniões que costumava convocar de tempo em tempo para representantes designados de cada ministério civil, afim de, em comum, discutirem os assuntos de interesse de cada Pasta, sempre secretariados por Rubem Rosa, seu direto auxiliar. Numa delas, presentes Rezende Silva, Manoel Marques de Oliveira, Contador Geral da República e outros, Mario Paiva pleiteava para os funcionários o restabelecimento da licença prêmio, uma colônia de férias, um ambulatório, ou um hospital para Servidores Civis, que nada possuíam no setor da assistência, enquanto que os militares tinham tudo. Foi quando Osvaldo Aranha aceitou a idéia do Hospital e mandou logo Paiva sugerir a seu chefe, Salgado Filho, tomar a iniciativa de uma proposta nesse sentido ao Presidente Vargas, sobre a qual desde logo reafirmava seu inteiro apoio.

O Ministério do Trabalho, então, expôs ao Chefe do Governo que havia um saldo de cerca de 630.000 cruzeiros, oriundo de um Fundo Especial, destinado aos "serviços de localização dos trabalhadores" e resultante de descontos já feitos sobre o funcionalismo, propondo se aproveitasse o dito saldo, na construção do Hospital do Funcionário Público.

O Decreto 24.217, de 9 de maio de 1934, não só aproveitou aquela verba, como mandou nomear o Conselho Administrativo do Hospital do Funcionário Público.

Dáí veio, em seguida, outro Decreto, sugerido por esse Conselho, no qual o Governo concedeu o crédito de 3 milhões de cruzeiros, estabeleceu as bases da assistência médica aos Servidores Civis da União e regulamentou o funcionamento do Hospital (Decreto 24.668 de 11 de julho de 1934).

Esses foram os primeiros passos, no País, sobre assistência médica à classe dos Servidores Públicos.

Na época só existia o Instituto de Previdência dos Funcionários Públicos, desconhecendo para aposentadoria e pensões.

Foi ainda Osvaldo Aranha quem nos facilitou o terreno da rua Sacadura Cabral, pertencente ao Patrimônio da União.

Como médico participante desse Conselho, esbocei as plantas e elaborei os planos do novo Hospital, calculando a capacidade em proporção ao número dos funcionários federais, existentes na época, que orçava por 32 mil. (Hoje 300 mil)

Feita a concorrência pública entre arquitetos, obtive preferência o projeto de Porto Dave. Mais tarde, foi êle modificado, com a colaboração de Felix Lamela, então técnico de hospitais, da União-Americana, e que aqui esteve trabalhando para as obras do Hospital. Daí, dez anos se passaram na luta das concorrências públicas para sua construção, sempre observado rigorosamente o Código de Contabilidade. Outro problema foi o da obtenção das verbas orçamentárias anuais, ora concedidas, ora negadas, sem possibilidade de fugir ao ritmo habitual das obras públicas. Por mais de um período orçamentário, ficamos sem dotações, com as obras meio paralisadas. O Ministro da Fazenda, então Artur Souza Costa, sempre relutante na concessão dos auxílios às obras públicas, desculpava-se, alegando que a União era como uma criança, que precisava ser educada nos seus gastos. Cumpre esclarecer que os membros do Conselho nunca se beneficiaram dos "jetons" habituais, em nossa época. Em 1942, já completa a estrutura, fui incumbido da aquisição do equipamento. Achava-me em Washington, para onde viajara com a finalidade de adquirir radium, para o Serviço Nacional de Câncer. Com a verba destinada à compra de uma grama, consegui, através do Governo Americano, trazer duas, além de um aparelho de "radon".

Permaneci um ano nos EE. UU., desde julho de 1942 até novembro de 1943, pleiteando, junto às autoridades americanas, licença primeiro para comprar e depois para exportar o material. Tudo era difícil e ne-

gado, ou então concedido a muito custo, principalmente o que representasse material de esforço de guerra. A América dava sua maior cartada na grande guerra tentando a invasão da Europa através de Casablanca. A lavanderia só teve autorizada sua exportação como material reconicionado, o que importava em grande economia, visto como valia cinco vezes mais daquilo que, na época, se nos oferecia a precaria indústria nacional.

Perdi um ano ausente de minha vida profissional, com a clínica e consultório paralisados, até que foi liberado e embarcado todo o material. Várias levas de caixotes e engradados, arriscando-se aos submarinos e pagando seguros elevadíssimos, em navios do Loide Brasileiro, trouxeram o equipamento, móveis, instrumentos e utensílios adquiridos por preço em boas condições, graças aos favores do "Land and Lease", que interferia em todo comércio de exportação em tempo de guerra.

Emfim, já na fase terminal das obras, com o material entregue, com a frente do Hospital ajardinada e inauguração programada para Março de 1946 (aniversário do chefe do governo), o Presidente Vargas foi deposto, a 29 de outubro de 1945 e o Conselho do Hospital, onde eu então já exercia as funções de Presidente, foi substituído. Daí, todo aquele patrimônio, terreno, hospital, e equipamento, haver passado para o I. P. A. S. E., inclusive duas ambulâncias de luxo, tipo Crisler Imperial, ao preço de 75 contos cada uma. Toda a realização teve custo muito abaixo do comum. Despesas efetuadas até 31 de outubro de 1943 durante a presidência de Mario Paiva Cr\$ 17.542.467,00.— Despesas efetuadas de 1 de novembro de 1943 a 31 de outubro de 1945, durante a presidência de Mario Kroeff, 14.922.562,00, num total de Cr\$ 32.465.049,00. O valor total do material adquirido diretamente dos EE. UU. não atingiu o montante então remetido para a Delegacia Fiscal do Tesouro em Nova York, que era Cr\$ 4.000.000,00. Ficou ali um saldo para atender ao pagamento das compras a serem posteriormente rea-

lizadas pelos meus sucessores. Felizmente, a instituição destinada aos Servidores Públicos foi confiada às mãos capazes de Raimundo de Brito, que ponde dar àquele bloco arquitetônico seus verdadeiros destinos funcionais. Instalado em perfeitas condições técnicas, soube convocar um corpo clínico, de

primeira qualidade e imprimir-lhe uma orientação médico-hospitalar de alto padrão assistencial.

Conforta-me a idéia de haver também prestado um serviço à classe a que pertença, nesse setor, já fóra do campo especializado da Cancerologia.